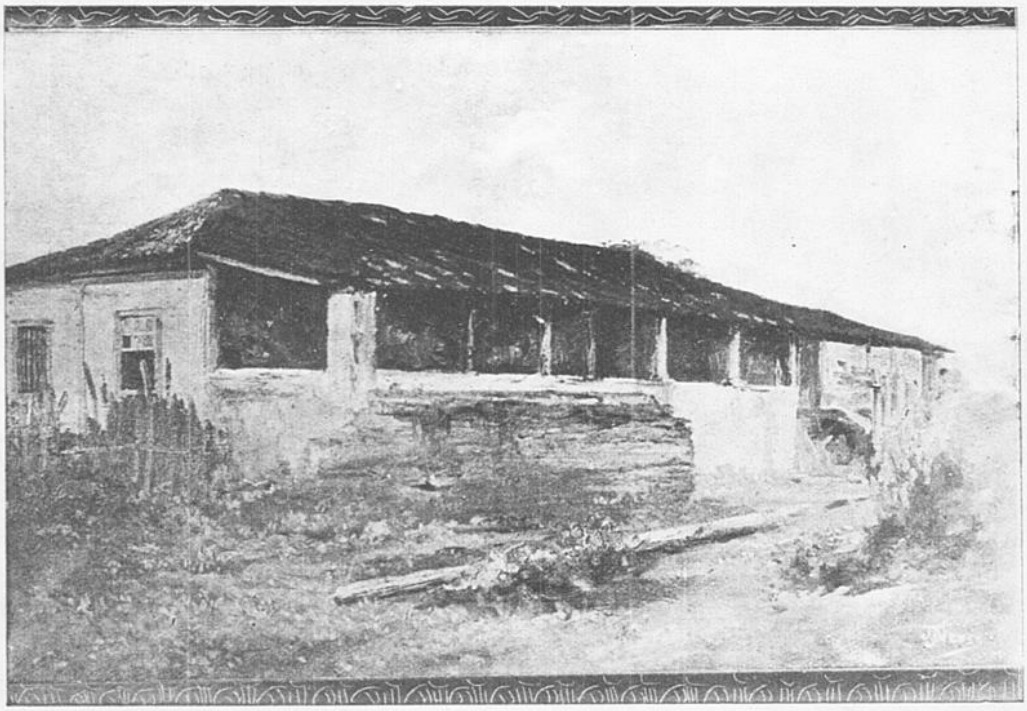
III — N. 20

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL
DA DIRECTORIA DA INSTRUCÇÃO



CASA DA VARGINHA — J. J. DAS NEVES

BELLO HORIZONTE
ESTADO DE MINAS GERAES
BRASIL

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL
DA DIRECTORIA DA INSTRUCÇÃO

ANNO III | Bello Horizonte, Abril de 1927 | NUM. 20

OS GRANDES NOMES DA PEDAGOGIA

ARQUIVO PUBLICO
N.º 340
Data 19-10
BIBLIOTECA

ELLEN KEY

Sabe alguem, no Brasil, quem foi Ellen Key?

Foi um alto espirito. Nasceu na Suecia, onde, como em toda a Europa, se fez extraordinariamente admirada e reverenciada. Falleceu ha vinte cinco annos apenas.

Outr'ora, andava o seu nome em todas as boccas, e o seu systema de educação parecia destinado a completamente transformar a escola e o lar. Ella preconizava a idéa da "liberdade na educação", justava em favor dos direitos da mulher, da creança e da mocidade, e defendia com o maior ardor a causa dos fracos e dos opprimidos. Si o seu nome, ultimamente, tem sido olvidado, tal se deve attribuir, sem duvida, aos acontecimentos que andam a agitar o mundo, da grande guerra para cá, abalando profundamente a sociedade, supprimindo preconceitos, abolindo tradições, modificando o terreno social e pedagogico, e tanto, e de tal modo, que sementes novas germinaram... Assim, de vista se perdeu a grande educadora, a quem deve o mundo muitas das mais importantes conquistas realizadas nos ultimos tempos, relativas á sciencia e á arte de educar.

A gloriosa educadora ter-se-á afastado muito da nossa época, ou as suas expressões e as suas idéas parecem hoje menos interessantes, menos originaes do que outr'ora?

A mocidade, na hora actual, como que pretende mais livremente decidir da sua sorte... O lar e a escola transformam-se insensivelmente, e coisas que, ha pouco, a todos pareciam extranhas e subversivas, pouco a pouco se nos tornam familiares, e vão-se implantando por toda a parte...

Que se abra o livro admiravel de Ellen Key, intitulado "O seculo da creança"... No alto de certas paginas, lêem-se titulos como estes: "A creança e o direito de escolher os paes"; "O sexo novo e o trabalho feminino"; "A escola assassina da alma, a escola no futuro"; "O trabalho e os crimes na infancia"...

O espirito de Ellen Key transparece nesses titulos, e hoje se póde dizer que as questões tratadas no seu primoroso livro a ninguem surprehendem mais. Em nosso pensamento, ellas se relacionam com certos estados de alma e com certas difficuldades materiaes na educação dos nossos filhos.

E' preciso que todos guardem na memoria, com reconhecimento, o nome dessa mulher de bem, que protestou, como Rousseau, com eloquencia menos brilhante talvez, porém não com menos vehemencia, contra tudo o que a educação [illegible] tem de falso e de convencional.

A infancia, segundo Ellen Key, é uma das epocas da vida, e a creança tem direito ao livre desenvolvimento da sua personalidade e das faculdades do seu espirito. A illustre educadora considera o homem-creança com um puro sentimento de bondade e de optimismo. Ella se interessa pela casa em que elle deve viver, pela sua familia, com os deveres, as alegrias, os habitos que lhe são proprios e as relações dos membros que a compõem. Insiste sobre a importancia da educação na escola, mostrando-se desolada de ver a creança longe da benefica influencia da casa paterna. Revelando comprehensão nitida das penas e dos soffrimentos do proximo, pensa na creança não protegida pela natureza ou pela sorte, lamenta a situação das mães abatidas pelo trabalho ou pela perversidade dos homens, e procura aliviar todos os infortunos moraes, que nem sempre se encontram simultaneamente com as difficuldades materiaes.

Ella deplora as questões que dividem as familias, compraz-se em dizer que "habitar em casa dos paes não significa viver com elles", e, notando que a mocidade de hoje pouco se affeiçoa á casa paterna, ella incrimina os paes excessivamente conscienciosos e ternos de mais, que, tomando sobre si todo o encargo dos deveres e das privações que incumbem á familia inteira, não proporcionam aos filhos opportunidade de, segundo sua força e capacidade, participarem das responsabilidades.

Ellen Key exige que a individualidade seja respeitada. Entretanto, não se deve deduzir dahi que reclame liberdade illimitada, pois ella reconhece a importancia dos deveres essenciaes á vida, mas eleva-se vigorosamente contra o pernicioso excesso de carinhos com que se tratam as creanças; mostra interessar-se pela questão dos brinquedos, dos livros e dos jogos infantis; preconiza a vida simples e deplora a fraqueza dos que cumulam a mocidade de presentes e caricias. Ella condemna o zelo intempestivo das mães, que, imbuidas de falsas idéas pedagogicas, querem dirigir os jogos dos seus filhos e regulamentar-lhes as distracções.

Paradoxal, como Rousseau, ella compõe um manual de educação em que aconselha os paes a que estudem, preparando-se para resolver com segurança todas as difficuldades que surgirem. — "O grande crime da educação actual", dizia El-

len Key, "está no facto de, em geral, se tolher a liberdade da creança — a educação futura deve permittir-lhe crescer e desenvolver-se em condições perfeitas de felicidade exterior e interior. Deve-se deixar á creança completa liberdade de movimentos, e essa liberdade não será limitada na sua expansão sinão pelos direitos de outrem". — "Educar uma creança é proteger-lhe a alma, para que esta sempre se conserve pura, direita, vigorosa, e guiar-lhe os passos quando em caminho semeado de perigos. O ideal da educação é a alegria; o medo é a infelicidade da infancia".

Depois, Ellen Key insiste sobre a ordem, a calma, os cuidados com que se devem habituar as creanças, havendo-os por elementos constructivos da felicidade. Diz que é preciso familiarizal-as com a simplicidade, que se lhes deve mostrar a suprema belleza da bondade, a unica coisa que, verdadeiramente, distingue o homem do bruto. Mostra que as idéas e os gostos se formarão na creança segundo as obras de arte de que se ornar a casa, segundo os livros da bibliotheca, segundo as occupações dos membros da familia, os seus habitos quotidianos, o modo por que se vestirem nos dias de festa, etc. Emfim, mostra que todo esse conjuncto precisará os contornos da sua vida, determinando-lhe as nuanças.

Ellen Key não cessa de repetir esta formula: "Comprehender a creança, não lhe impôr preferencias nem fixar a sua vida e o seu futuro em nome de uma auctoridade tyrannica ou de uma condemnavel fraqueza; fornecer-lhe o que a grande educadora denomina *material*, para que possa a creança construir a sua personalidade e fazel-o solidamente. Empregar o exemplo como grande meio de educação, substituir os castigos corporaes e ameaças por um exercicio normal. Que o lar seja, ao mesmo passo, o refugio da alma como do corpo, e que a escola ponha em pratica formulas de liberdade e de desenvolvimento individual, não se contentando com affixar essas formulas nas paredes." Ellen Key descreve a escola perfeita, em que as creanças trabalharão com prazer, uma escola em que haverá jardins e espaços reservados aos "sports" e aos jogos, e ella imagina bibliothecas e ateliers, uma organização que porá ao alcance da mocidade os meios de instruir-se sem empregar o que ella denomina com ironia — "methodo do buffle". Ella crê na boa vontade da creança, e, no seu optimismo, quizera deixar-lhe o campo livre para facilitar a manifestação das suas verdadeiras tendencias e preferencias.

Hoje, estamos dispostos a admittir essas exaggerações, mas é preciso dizel-o, não seria provavelmente pelo bem da infancia nem do povo, sendo necessario tomar em consideração a pouca maturação do espirito e a inexperiencia juvenil. A liberdade deve proporcionar-se á edade e ao temperamento, e uma direcção segura e affectuosa saberá concedel-a criteriosamente. Colloca-se ahi a questão do Jardim da Infancia, que Ellen Key reconhece como a primeira necessidade na educação. Diremos nós, assim como diz essa educadora, "que é ahi que as creanças deverão ser livres como os gatos e os cachorros na primeira edade?"

O centro feliz em torno do qual se devem reunir os pequeninos é a "Jardineira das creanças", cuja influencia se fará sentir sobre os seus jovens alumnos, mas não inscreveremos esta phrase dura da eximia pedagogista: "O jardim da infancia é uma fabrica". Comprehendemos o seu pensamento... Ella quer que se forme a creança pouco a pouco, que não seja dominada nem castigada, e que não se fatigue a sua tenra intelligencia com observações que não poderão ter valor sinão para quem possuir o espirito já relativamente desenvolvido.

Quando, ha cerca de trinta annos, Ellen Key visitou uma escola em que os methodos de Pestalozzi e de Froebel eram applicados, perguntaram si ella mantinha a sua opinião sobre a necessidade urgente dos Jardins da Infancia. Ella respondeu que o que acabava de observar correspondia perfeitamente ao seu desejo, que a classe elementar, principalmente, lhe havia dado prazer e que se regosijava de "ver com que ardor as creanças abriam uma pinha, tirando os pinhões e correndo a plantal-os, afim de ver depressa nascer pequeninas arvores..." O coração da generosa mulher alegrava-se vendo o enthusiasmo dos meninos, o zelo e o grande desejo que revelavam de saber... "A creança, dizia ella, deve por si mesmo, procurar, descobrir e inventar." Assim como não se deve mais do que é preciso, no jardim da infancia, ensinar-lhe a modelar, não se deve, na escola, mudar-lhe automaticamente a lição, de hora em hora, sem considerar a sua pessoa intima e as suas preferencias.

Dizendo isso, Ellen Key observa que não é justo considerar-a como responsavel por todos os ensaios infelizes que fizerem ou houverem feito mães excessivamente enthusiastas, querendo applicar integralmente os seus principios de educação. Ella quiz unicamente abrir os olhos, induzir os corações em favor da infancia, pedindo uma ternura mais reflectida, mais leal e mais simples nas relações dos grandes com os pequenos, uma liberdade mais bem comprehendida para a edade da adolescencia e uma orientação differente do espirito materno, excessivamente preoccupado com as difficuldades materiaes da vida ou excessivamente limitado pelas convenções sociaes.

O ultimo pensamento de Ellen Key foi para as mulheres doentes e fatigadas, em favor das quaes fundou, em propriedade sua, uma casa de repouso e de convalescença, exercendo, assim, ainda além do tumulo, a caridade que havia inspirado todos os seus actos.

LILI DROESCHER.

Todo ser humano, em vindo ao mundo, tem direito absoluto á educação. Recusar a educação á uma creança é condemnal-a ao embrutecimento e á miseria... No fundo, todo ignorante é um perigo para a Sociedade. Onde a escola não se encontra é preciso multiplicar as prisões e os hospicios, tristes monumentos que mais revelam nossa imprevidencia do que nossa justiça e nossa caridade. E. LABOULAVE

MARTYR E HERÓE

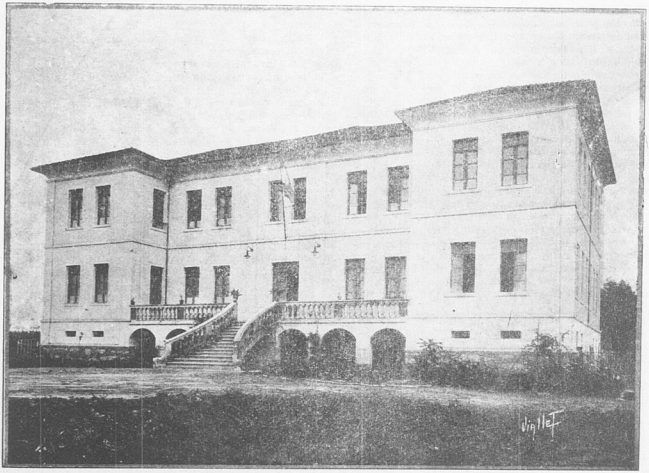
J. C. Soares Ferreira

"Mostra-se que entre os chefes e cabeças da conjuração (assim dizia textualmente a sentença da Alçada) o primeiro que sustentou as idéas da republica foi o réo Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o *Tiradentes*, alferes que foi da cavallaria paga da capitania de Minas...

"Mostra-se que, tendo o dito réo *Tiradentes* publicado aquellas horriveis e notorias falsidades, como alicerce da infame machina que pretendia estabelecer, communicou em Setembro de 1788 as suas perversas idéas ao réo José Alves Maciel, visitando-o nesta cidade a tempo que o dito Maciel chegava de viajar por alguns reinos estrangeiros para se recolher a Villa Rica...

"Mostra-se mais que, com o mesmo perfido animo e escandalosa ousadia, partiu o réo de Villa Rica para esta cidade em Março de 1789, para o intento de publicar, e particularmente com as suas costumadas praticas convidar gente para o seu partido...

"Portanto condemnam o réo a que com baraço e prégão seja conduzido pelas ruas publicas ao lugar da forca, e nella morra morte natural para sempre, e que depois de morto lhe seja cortada a cabeça e levada a Villa Rica, aonde em o lugar mais publico della seja



FACHADA DA ESCOLA NORMAL «SANTA RITA», DE SANTA RITA DO SAPUCAHY.

pregada em um poste alto até que o tempo a consuma; o seu corpo será dividido em quatro quartos e prégados em postes pelo caminho de Minas, no sitio da Varginha e de Cebolas, aonde o réo teve as suas infames praticas, e os mais nos sitios de maiores povoações, até que o tempo tambem os consuma"...

E assim tudo fielmente se cumpriu no Campo de S. Domingos, no Rio de Janeiro, no dia 21 de Abril de 1792, com ostensivo apparato e grandes solemnidades, para maior *escarmento dos povos*. Um desses quartos esteve exposto na tradicional estalagem da Varginha do Lourenço, perto da então villa de Queluz, antigo arraial de N. Senhora da Conceição do Campo Alegre dos Carijós. (1)

Falando do esquartejamento do *Tiradentes*, dessa profanação sacrilega de seu cadaver friamente praticada em praça publica, perante a multidão, disse Robert Southey em sua "Historia do Brasil": "Embora não haja crueldade em tratar assim um corpo insensivel, são taes exposições um ultraje á humanidade."

Victima de sua abnegação e de seu patriotismo, unico julgado indigno da clemencia real, foi elle, pois, o glorioso Martyr da Inconfidencia Mineira.

A historia, porém, já o dizia em 1868 A. Deodoro de Pascual, escriptor castelhano de nascimento e brasileiro de coração, a historia não fez justiça ao *Tiradentes*, porque delle tratou como de um tresloucado, baldo das qualidades necessarias para desfraldar o pendão da independencia de um povo. Injustiça revoltante; mas propria da época em que vivia!

Para alguns dos nossos historiadores e, especialmente, para Joaquim Norberto e seus sequazes, que ainda os ha, não passou o *Tiradentes* de uma victima obscura, uma figura somenos, um ambicioso vulgar, um conspirador leviano, um desclassificado, um louco afinal...

Foi, sim, um louco; mas um louco sublime, que loucura é todo sentimento que transborda, na phrase do auctor dos "Symbolos".

A verdade historica, irradiando brilhante das peças do processo, do testemunho de seus contemporaneos, da analyse calma e desapaixonada de escriptores nacionaes e extrangeiros, desde muito illumina, em toda sua plenitude, o vulto majestoso e sempre impassivel do Proto-martyr da Independencia, do Precursor da Republica.

Em que pese aos myopes de antanho e aos novos iconoclastas, já se póde affirmar, como Teixeira de Mello em suas "Ephemerides Nacionaes", que o *Tiradentes* foi o unico caracter que se não desmentiu, e o unico dos companheiros de sua nobre aspiração que, pela sua constancia e abnegação, merece o qualificativo de - - heróe.

Foi activa a sua propaganda; por toda a parte prégava a idéa da independencia, os primeiros espiritos do tempo o acompanharam; porém, "nenhum foi franco, ousado e decidido como elle", no juizo insuspeito de Sylvio Romero.

A obra do *Tiradentes*, disse Barbosa Lima, em 1909, apagou, pelo seu brilho, a de seus companheiros... Ha um genero de ignorancia peor que todas as manifestações, accrescentou elle: é a ignorancia dos que sabem lêr e presuppõem conhecer o coração, o caracter, as tendencias e as aspirações humanas atravez dos livros. A sciencia do alferes *Tiradentes* é a que se aprende no convivio das multidões. E' aquella sciencia, da qual tão admiravelmente soube tirar aspirações para a realização de seu sonho estupendo! E' aquella, atravez da qual elle via mais longe e mais a fundo que os doutores e licenciados de Coimbra, e poude deixar esboçado o problema tão formidavel, que foi preciso resolvel-o por partes em phases varias, de que se incumbiram José Bonifacio, o propugnador da Independencia, e Benjamin Constant, o da Republica.

"Um e outro sommam-se no valor incomparavel do coração, para dar o *Tiradentes*."

Aos impenitentes detractores da memoria do grande Inconfidente, desde muito justamente venerada, bem se podem applicar estes trechos de um brilhante artigo de Augusto de Lima:

"Emquanto foi a conjuração mineira considerada um crime cheio de opprobrio, ninguem se lembrou de amesquinhar o papel que nella representou aquelle que teve a maxima infamia fulminada pela lei do tempo. Ninguem recusou então ao rebelde soldado mineiro capacidade de chefe, equilibrio de espirito para deliberar, energia e responsabilidade para agir. Todos os seus companheiros de infortunio o indigitaram como o centro da acção...

"Victoriosa a Republica federativa a 15 de novembro, era natural que se reivindicasse para o glorioso soldado o titulo contestado por historiographos e chronistas superficiaes ou apaixonados.

"Hoje, felizmente, após largo debate, e feita a luz sobre os Archivos, surge a imagem do *Tiradentes*, pura e radiante, como um desses vultos que raro apparecem na Historia, influindo sobre os destinos de uma nacionalidade."

("Rev. do Arch. Publico Min.", anno VII, 1902).

Qual Niso aos Rutulos, que de armas em punho avançaram resolutos contra Enryalo, bem podia elle exclamar:

"Me, me: adsum qui feci; in me convertite ferrum,
O, Rutuli; mea fraus omnis, nihiliste, nec ausus,
Nec potuit; coelum hoc et conscia sidera testor."

("Eneida", liv. IX, v. 427-29.)

Quem, como o *Tiradentes*, sempre reclamava para si o papel mais arriscado da acção, e depois perante os juizes da Alçada innocentou a Gonzaga, seu inimigo, não accusou, nem comprometteu a nenhum dos conjurados, assumindo toda a responsabilidade e attrahindo assim sobre sua cabeça o tremendo rigor da lei, certo não podia deixar de ser um caracter destemido, generoso e nobre, um verdadeiro abnegado, e nunca jamais um interesseiro, como delle fala

(1) A "Revista do Ensino", no presente numero, em sua capa, reproduz o quadro historico "Casa da Varginha", do conhecido pintor mineiro J. J. das Neves e que é hoje o unico documento que nos resta da antiga estalagem colonial.

o Padre Raphael Galanti em seu "Compendio de Historia do Brasil".

Quem, como o *Tiradentes*, ao ouvir impavido sua sentença de morte e a commutação da pena de seus amigos, embora vergado sob o peso das correntes, deu mostras de alegria e, esquecido de sua triste sorte, lhes transmittiu parabens e delles se despediu resignado e calmo, certo não era um homem vulgar, um pusillanime. E, como bem o diz Lucio dos Santos, nos vastos horizontes da Historia Humana só ha poucos exemplos de tanta grandeza d'alma.

"Os homens de convicção profunda, disse A. D. de Pascual, os homens de corações generosos, de tempera heroica, uma vez decedidos, não dão signal algum que possa amesquinhar a magnanimidade de suas almas.

"Sentem o infortunio alheio, não pensam no proprio, e revestem-se da impassibilidade dos anjos."

Quem, como o *Tiradentes*, trazia sempre a imagem da patria no relicario de seu grande coração; quem de vêras a amava e ardentemente queria vêl-a livre de um governo oppressor e despotico; quem, como elle, "fallava tão inflammado na materia, que chegava a chorar", segundo a declaração de Paula Freire; quem por toda parte, abertamente e sem ambages, ousado pregava a independencia; quem, como elle, "a esse unico pensamento, que o abrasava, subordinava tudo quanto via e ouvia, e com uma leviandade e audacia inauditas para aquelles tempos, a todos se propunha converter e angariar", na phrase de Varnhagen; quem, como elle, generoso se offereceu para expiar em pleno dia e no alto da forca, como victima da lei, o então horrendo crime de amar a sua patria, e finalmente o cumpriu sem trahir o seu nobre compromisso até o derradeiro alento; certo, não ha negar, foi effectivamente um puro, um verdairo patriota.

Quem, como o *Tiradentes*, se mostrou sempre cheio de coragem, "que a tantos tem faltado em tão suprema hora", segundo as proprias expressões de Joaquim Norberto; quem, como elle, "sem levantar os olhos, que tinha pregados na imagem do Divino Martyr, sem estremecimento algum que lhe trahisse a coragem, deu logar ao algoz para o fatal preparo", no dizer desse mesmo historiador, que tambem escreveu o seguinte: "Soavam clarins, rufavam caixas de guerra, ouvia-se o rodar da artilharia, o trotar dos cavallos, o tinir das armas, sem que a serenidade da alma do *Tiradentes* se alvoroçasse, sem que o menor symptoma de susto lhe alterasse a physionomia"; quem a 21 de Abril de 1792, no meio daquelle iniquo apparato de tantos e tão ruidosos "festejos officiaes e escandalosamente impostos", conforme disse Joaquim Manoel de Macedo, sereno e calmo caminhou, vestido da alva de condemnado, entre cem baionetas, para o campo da Lampadosa, com "a maior resignação, como o convencido apostolo de uma grande idéa", na opinião de Teixeira de Mello; quem, como elle, "de um lance de olhos saudou a forca e penetrou no recinto do triangulo, o emblema da Trindade Divina, que elle propoz para symbolo da bandeira nacional"; quem com passo firme e sem vacillar "subiu ligeiramente e com vigor! os vinte e dous degráos do cadafalso, erguido mais alto que o ordinario, segundo as prescripções da Alçada, e os subiu, como disse outro escriptor, "sem tremer, sem signal nenhum apparente do profundo abatimento de que aliás os mais fortes se deixam dominar naquella ultima e suprema agonia; quem, como o *Tiradentes*, já meio suspenso entre a terra e o céo, no seu posto fatal, pronunciou com "voz sonora e firme uma a uma as palavras da oração, que eram repetidas pelo écho da eternidade", consoante o dizer do mesmo Joaquim Norberto; quem, finalmente, intrepido e generoso soube soffrer morte infamante, cruel e affrontosa, pela patria que idolatrava, sellando com seu sangue essa odysséa de puro patriotismo; quem tudo isso fez, e o fez de modo admiravel, na opinião unanime dos melhores historiadores e chronistas; — certo, não ha negar, foi mais que um grande patriota, foi effectivamente um verdadeiro heróe.

Sim, o *Tiradentes*, como disse Xavier da Veiga, foi a alma de luz que radiou fecunda e fulgurante na noite cahotica do nosso passado colonial, prenunciando na propria immolação a victoria do seu ideal sublime. De todos os espiritos esclarecidos e patrioticos, na contemplação de seu patibulo, têm irrompido, e hão de brotar sempre, apostrophes vividas de admiração e brados altisonos de reconhecimento immorredouro.

Ao *Tiradentes*, martyr e heróe, o verdadeiro Precursor da Independencia e da Republica, cabe-lhe com inteira justiça esta sentença de Plutarcho:

"*Vita dignissimus est, quique morte sua patriae salutem quaerit.*"

Um corpo são, um espirito recto, uma vontade virtuosa, eis o que uma boa educação se propõe a formar: tal fim é invariavel, é universal; em todos os estados, em todos os systemas, a isso tendem os paes pelos filhos; em toda edade, em todas as condições, o homem tem necessidade de saude, de razão e de virtude.

GUIZOT

Congresso de Instrucção Primaria

Deve effectuar-se a 9 de maio proximo a installação do Congresso de Instrucção Primaria, convocado pelo Governo do Estado. O mais vivo interesse tem-se manifestado em torno dessa louvavel iniciativa, parecendo que será grande e selecta a concorrencia á importante assembléa. De pontos differentes do Estado, distinctos educadores têm-se dirigido ao Governo e á Commissão Executiva, nomeada pelo sr. dr. Secretario do Interior, pedindo informações relativas ao programma do Congresso, ao dia em que se deve reunir, ás questões que serão discutidas, etc.

Havia-se primeiramente marcado o dia 20 de janeiro ultimo para a installação, tendo esta sido adiada para 9 de maio proximo por motivos varios, sobretudo pela necessidade de se realizarem diversos trabalhos preliminares, tendentes a assegurar a boa marcha e o exito do Congresso.

Tem este por fim, como se sabe, estudar e discutir todos os assumptos attinentes ao ensino primario, maximé a sua organização e os meios de augmentar a efficiencia e diffusão do mesmo pelo Estado. Nelle tomarão parte membros notaveis do magisterio publico, e pessoas a elle extranhas foram tambem convidadas pela Commissão Executiva.

A esta, nomeada pelo sr. dr. Secretario do Interior e encarregada da convocação e installação do Congresso, incumbirá o reconhecimento de poderes dos congressistas, dirigir a eleição da mesa definitiva, bem como colligir os trabalhos apresentados e discutidos, examinal-os e coordenal-os, para o fim da sua publicação em volume, do qual constarão as actas das sessões realizadas.

Logo em seguida ao reconhecimento de poderes dos membros do Congresso, será feita a approvação do projecto do regimento, passando-se depois á eleição do presidente, 1.° e 2.° vice-presidentes, secretario geral e 1.° e 2.° secretarios. A installação se dará ás 8 horas da noite de 9 do mez proximo. No dia immediato, ás 15 horas da tarde, realizar-se-á a primeira sessão ordinaria, em que se elegerão o presidente de honra e as commissões, e serão communicadas as theses a serem discutidas. As reuniões subsequentes realizar-se-ão a essa mesma hora.

Haverá no Congresso as seguintes commissões: *a*) organização geral do ensino; *b*) questões de pedagogia; *c*) instituições auxiliares da escola; *d*) apparelhamento escolar, livros didacticos e livros para professores; *e*) desenho e trabalhos manuaes; *f*) educação moral e civica; *g*) canto; *h*) inspecção technica; *i*) programmas e horarios; *j*) hygiene escolar e educação physica; *k*) exames e *tests*; *l*) escolas infantis.

As commissões se reunirão fóra do Congresso, elegendo seu presidente, que designará relator ou relatores das materias submettidas ao seu estudo. Os relatorios deverão sempre terminar por uma ou mais conclusões, as quaes serão submettidas á discussão e approvação no plenario, para o que o 1.° secretario procederá á leitura do parecer e votos vencidos. A's conclusões apresentadas pelas commissões poderão ser offerecidas emendas em plenario. Apresentado substitutivo a alguma conclusão, será aquelle posto em votação em primeiro logar.

A ordem dos trabalhos em cada sessão será a seguinte: 1.° leitura, discussão e approvação da acta da sessão anterior; 2.° expediente; 3.° ordem do dia.

Postas em discussão as conclusões, os congressistas que quizerem discutil-as não poderão falar mais de uma vez, nem por tempo excedente a dez minutos, excepto os relatores, que falarão afinal, tendo para isso vinte minutos. As votações serão por maioria de votos e pelo processo symbolico, podendo ser verificado seu resultado a requerimento de qualquer congressista.

O Congresso deliberará com qualquer numero, podendo as suas sessões ser convocadas e prorogadas extraordinariamente e para horas differentes das de que trata o art. 7.°. Sobre os casos não previstos no regimento do Congresso, deliberará a assembléa como julgar conveniente.

O governo, desejando conhecer a situação real do ensino primario em Minas, espera que cada congressista se manifeste francamente sobre a efficiencia desse ensino, revelando as suas qualidades ou os seus defeitos. E' intuito do Governo aproveitar as contribuições do Congresso para a obra da reforma que tem em vista e pretende realizar o mais breve possivel.

Fará parte da semana do Congresso um programma de demonstrações pedagogicas, constituidas de licções-modelos nos grupos escolares e na Escola Normal, assim como conferencias versando sobre as questões de ensino, dos methodos, etc.

Não reproduzimos aqui as theses que se vão discutir porque já se acham reunidas em folheto, de que, naturalmente, se distribuirão exemplares a todos os congressistas .

A COMMISSÃO EXECUTIVA DO CONGRESSO

Por acto do sr. dr. Francisco Campos, secretario do Interior, foi nomeada a seguinte commissão executiva do referido Congresso :

Dr. Noraldino Lima, dr. Alberto Alvares, dr. Oswaldo de Mello Campos, professora Helena Penna, professor Luiz Pessanha e sr. Paulo de Andrade.

A essa commissão incumbirá a direcção dos trabalhos preparatorios do alludido Congresso até a sua installação e dos referentes á publicação dos respectivos annaes.

O PROGRAMMA

Será o seguinte o programma official do Congresso:

Dia 9—A's 12 horas: reconhecimento dos poderes dos membros do Congresso; eleição da mesa directora e approvação do regimento interno.

A's 20 horas: installação solemne do Congresso, presidida pelo sr. Presidente do Estado. Discurso official do sr. Secretario do Interior.

Dia 10—A's 8 horas: visita ao grupo escolar «Barão do Rio Branco» e escola infantil «Bueno Brandão».

A's 12 horas: sessão ordinaria; eleição do Presidente de Honra e das commissões do Congresso; communicação das theses a serem discutidas.

A's 20 horas: visita ao sr. Presidente do Estado pelos membros do Congresso.

Dia 11—A's 8 horas: visita á Escola Normal Modelo

A's 12 horas: sessão ordinaria.

A's 20 horas; conferencia pedagogica pela professora d. Ignacia Guimarães.

Dia 12—A's 8 horas: visita ao grupo «Pedro II»; conferencia sobre hygiene escolar pelo dr. Lucas Machado.

A's 12 horas: sessão ordinaria.

A's 20 horas: conferencia sobre "o ensino moderno de geographia", pela professora d. Maria Luiza de Almeida Cunha, na Escola Normal Modelo.

Dia 13—A's 8 horas: sessão ordinaria.

A's 12 horas: visita á escola infantil "Delfim Moreira".

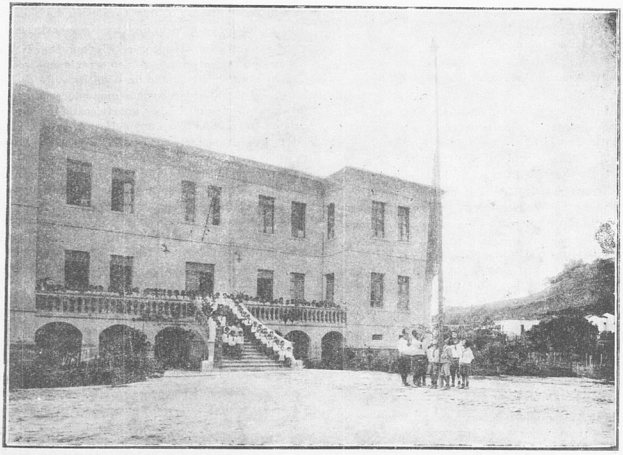
Dia 14—A's 8 horas: visita ao Instituto "S. Raphael".

A's 12 horas: sessão ordinaria.

Dia 15—A's 12 horas: sessão ordinaria.

Dia 16—A's 12 horas: sessão ordinaria.

A's 20 horas: sessão solemne de encerramento.



ESCOLA NORMAL DE SANTA RITA DO SAPUCAHY. HASTEAMENTO DA BANDEIRA — ACTO QUE SE REPETE DIARIAMENTE ANTES DAS AULAS. O HASTEAMENTO É FEITO PELOS ALUMNOS DO QUADRO DE HONRA E ASSISTIDO POR TODOS OS ALUMNOS E PROFESSORES, CANTANDO-SE, NO MOMENTO, HYMNOS ESCOLARES.

A Educação e a Politica

Francisco Lins

A educação e a politica confundem-se, não se podem separar. Uma depende da outra. A politica sem a educação, forçosamente, se corromperá, transformando-se em politicagem, em arte de explorar as nações e não de assegurar-lhes a felicidade.

Tem razão quem escreveu que, si não é o dogma de um concilio ecumenico, é, sem duvida, a sentença de um tribunal de justiça internacional que Michelet formúla nestas palavras:

"Qual é a primeira parte da politica? — A educação. Qual é a segunda? — A educação. Qual é a terceira? — A educação.

A estreita affinidade que existe entre a arte de governar os homens e a de governar as creanças tem sido affirmada pelos mais altos mestres da conducta humana."

Diz um republico excelso que não é digno do titulo de estadista o politico em cujo programma de administração não occupa o primeiro logar o problema da educação publica. Um homem póde ser eloquente, conhecer a fundo a historia, a diplomacia, a jurisprudencia; mas, si as suas palavras, si os seus projectos, si os seus esforços não forem por toda a parte e sempre consagrados á educação do povo, elle não poderá ser um homem de Estado americano. Tem maior importancia um progresso novo na educação do povo do que a descoberta de uma mina de ouro. O homem é o primeiro capital e a primeira machina.

Pela instrucção, nelle se despertam faculdades novas; é necessario bem orientar essa energia intellectual e moral. Em tal caso, não se trata de forças mecanicas que, uma vez postas em jogo, produzem o seu effeito e se detêm, mas de forças espirituaes, dotadas de um principio de vida que não se póde reprimir.

Na Republica, diz outro, a ignorancia é um crime. E ajunta que o poder soberano do suffragio universal expõe aos maiores perigos uma livre democracia, si ella não é illuminada pela instrucção e pela educação. E' facil talvez fundar uma Republica, mas, certamente, não é facil fazer republicanos... E ai da Republica que não se apoiar sinão nos votos da ignorancia, do egoismo e da paixão! A representação nacional é o espelho fiel do espirito e das idéas do povo, e, si essas idéas não estiverem á altura das instituições, quantos perigos, quantos desastres não são possiveis! A educação é a nossa unica salvaguarda politica: fóra dessa arca, absolutamente, não ha salvação. Si á educação não fôr possivel impedir que o espirito publico se corrompa, tudo estará perdido, todas as tentativas para proteger, pela lei, a propriedade, a liberdade e mesmo a vida do cidadão, serão tão vãs quanto a de afastar os insectos destruidores das nossas plantações por meio de letreiros e cartazes.

Democracia e educação, diz um terceiro, suppõem-se e attrahem-se. A democracia não póde ser outra coisa senão o reino da sciencia sobre os espiritos. Não se póde conceber que uma educação nacional, geralmente desenvolvida e aperfeiçoada, possa produzir outro fructo sinão o amor da justiça e da liberdade, virtudes democraticas por excellencia. A educação do povo, em uma Republica, tem tão grande importancia quanto, em uma Monarchia, a educação do principe chamado, pelo nascimento, a reinar um dia. E' no governo republicano que se deve fazer sentir todo o poder da educação.

Mas ha educação e educação. Tem-se geralmente, em muitos paizes, um homem instruido por um homem educado, o que é um erro palmar. Para muita gente, um doutor, porque sabe conversar elegantemente, fazer discursos e escrever nos jornaes, é um homem de educação perfeita. Puro engano! A instrucção fórma doutos, a educação fórma homens.

Mas a educação ideal, essa de que depende a felicidade das nações, como e quando será possivel vel-a transformando a mocidade, de modo que esta, expurgada de todas as taras que a enfeiam, verdadeiramente se torne digna de ser chamada a esperança da patria?

Eis a questão, e uma questão politica. Que os nossos politicos, antes de tudo, empreguem todos os esforços por que, um dia, seguramente, a possamos dirimir.

Sem boa educação, impossivel boa politica.

Problemas de educação moral

Sobre se devemos substituir ou aproveitar a personalidade moral do homem

J. GUIMARÃES MENEGALE

A objectivação da escola moderna é, sobretudo, educar — e educar exprime encaminhar, ou seja: fazer que aquillo que a natureza criou no individuo se desenvolva no sentido de uma finalidade util.

Os elementos psychicos que se integram na personalidade são como forças naturaes, energias em potencia, que, a exemplo de quaesquer outras, tendem a expandir-se.

Quando as forças vivas da natureza se desdobram sem encontrar o que as condicione em seus limites uteis, estabelece-se a desharmonia dos elementos, o desequilibrio que gera os cataclysmos. Da mesma fórma, se as forças espirituaes de um individuo não são contidas razoavelmente, o que occorre é o desequilibrio psychico, os disturbios moraes que caracterizam os anomalos, os pervertidos, os em que se observa a ausencia de dominio proprio.

Como ninguem proporia o exsiccamento dos rios, a extincção do fogo central da terra, a annullação de qualquer energia cosmica, de que resulte a ameaça de qualquer phenomeno alarmante, será inconsequencia aspirar ao aniquillamento, no individuo, das forças que, desde cedo, repontam, indicando as caracteristicas da personalidade, e de cujo desgoverno derivem aggravos á sua constituição moral.

Consiste a educação exactamente em vigiar desde as suas primicias a evolução das energias psychicas, afim de que ellas, por excesso de expansão, não desbordem de sua direcção normal.

Este é o ponto sensivel da educação moral. Por não o quererem perceber, incorrem educadores — no lar e na escola — em erros graves, que repercutem definitivamente nas regras de vida do homem futuro.

Quaes, suppõem bem avisado relegar para mais tarde, "quando a criança puder entender", o "contrôle" da educação; deixam, por esse modo, que as forças moraes, inzenitas, se desenvolvam sem governo, ao sabor das circumstancias, justamente na phase em que é possivel dar-lhes o rumo que se quer. Quaes, com diverso criterio, em vez de utilizarem essa potencialidade natural, acham certa deprimi-la, desde que se manifestem, em sua dynamização, as primeiras obliquidades.

A lei da reintegração

Marchesini, em sua obra "L'educazione morale", enuncia, a proposito, a "lei da reintegração", que rege o processo natural de formação moral do homem.

Cada tendencia, desenvolvendo-se indefinidamente no seu sentido proprio, produz um estado de desequilibrio bio-psychico, que não póde subsistir, mas que se tem de resolver numa satisfação qualquer. A educação é, no conceito do tratadista italiano, "uma arte vital", porque attende a essa resolução das tendencias; mas não póde attender-lhe, sem que se conforme á propria lei natural do seu desenvolvimento.

Se se admitte que o idéal de perfeição moral do homem é a *bondade*, não será sensato acceitar que o homem chegue a esse idéal: *ser bom*, sem que a bondade seja o fundo de sua natureza psychica. A bondade deve ser — mais do que um elemento innato — um elemento virtual da natureza humana.

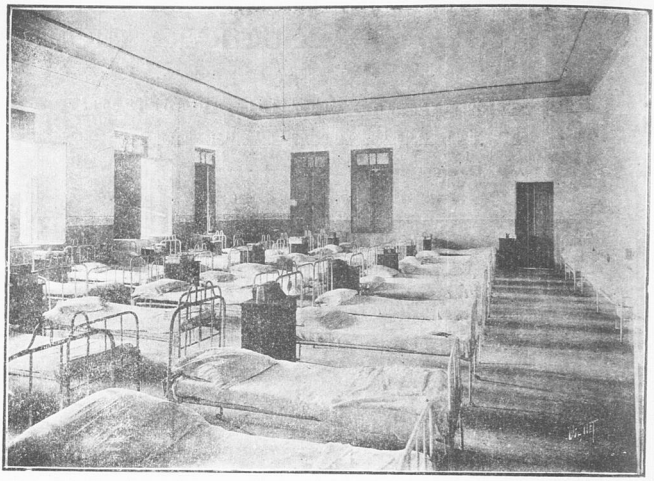
Essa interessante doutrina do professor de Padua faz lembrar a phrase de Herbert: "Em educação, só com uma scentelha se póde accender outra scentelha." Não se cream qualidades moraes. Não se improvisam caracteres. Não se substitue a personalidade: aproveita-se.

Nem mesmo as experiencias de James e outros psychologistas desautorizam essa affirmativa.

Ha virtudes que desgarram, como rios que se espraiam fóra das margens: o que se deve é faze-las voltar ao alveo, reajustar-se á directiva originaria.

Exemplifique-se

A obstinação e o orgulho são dois elementos fundamentaes da natureza moral do homem. Em regra, os maiores esforços dos educadores se accumulam em deprimi-los, em recalca-los, em expungi-los de vez, considerando-os extrinsecamente, sem attentarem em que a essencia desses attributos enthesoura verdadeiras reservas de perfeição moral. Ponto está — repitamos — em que essas energias pessoaes não se malbaratem pelo desvirtuamento, pela "deseducação".



ESCOLA NORMAL DE SANTA RITA DO SAPUCAHY.—UM DOS DORMITORIOS.

A obstinação

Que melhor sementeira para uma soberba floração de actividade viril do que a "teimosia", tão commum na creança? De onde extrahir maior capacidade de acção, fortalecida pela tenacidade, do que dessa tendencia que, tamanina, se accentúa, para aferrar-se ao primitivo proposito, para insistir no primeiro impulso?

Contemple-se a creança que ensaia a satisfação de um desejo, de um capricho — a sua primeira ambiçãozinha...

Os olhos rebrilham, o semblante aviva-se, as mãos agitam-se, toda ella é uma vibração, uma energia que se intensifica. Conseguindo o que desejava, logo se lhe vem arrebatar, por improprio, o objecto de sua innocente cobiça. A criança protesta, debulha-se em lagrimas, sapateia... Então, a autoridade do educador intervem — e castiga!

Ao cabo de algum tempo, essa virtude da obstinação, ou seja: da persistencia, se amolga e debilita, reduzida por continuas contradictas. Aquillo que era, bem examinado, a força de vontade em embryão, cede logar á consciencia da inutilidade dos esforços humanos, dos perigos e desagradaveis consequencias da tenacidade. E' uma força prodigiosa que se aniquilla estupidamente, antes de produzir os seus effeitos, tão calorosamente gabados.

Por certo, não se irá acoroçôar a teimosia inconsequente, mal regulada; mas, por não claudicar em educação, o que se fará é, subtilmente, desviar a attenção da criança, applicando-a a outro objecto, capaz de substituir o em que se concentrára a sua vontade...

Ao tacto do educador paciente e habil não deve escapar que a obstinação se resolve, simultaneamente: a) pela deslocação das idéas motrizes (1); b) pela substituição dos objectivos.

---

(1) "O estado de consciencia que fixa a attenção, determina a acção" (W. James, "Psychology").

O orgulho

Como consequencia da reacção contra a jactancia, a presumpção, a vangloria, chegou-se a negar de todo em todo o orgulho, o que importa em um como ascetismo moral, funesto para o "déclanchement" das virtualidades.

Como regra de vida, a humildade conduz o homem á timidez, á inacção, a uma passividade nirvanica, inutilizando-o como unidade do dynamismo social.

E' uma educação falha, por insincera, a que porfia em annullar essa potencia moral, essa consciencia da propria força, que é inapagavel no individuo.

Aquelle que tem a convicção das proprias virtudes, e disso se sente ufano, persevera, faz por conservar aquelle caracter, cujo reconhecimento lhe dá uma intima astisfação.

Para que esse orgulho sadio, orgulho-força, orgulho-virtude, não degenere, nem exclua a modestia, basta que se ponha o espirito do educando em contacto com o absoluto, isto é, com aquelle idéal de perfeição suprema, diante do qual elle tenha a noção de sua imperfectibilidade.

Quem se orgulha do proprio caracter, encara um deslise, uma trahição aos deveres moraes, como uma offensa ao amor-proprio, ao proprio decoro, uma humilhação que cumpre evitar...

Eis como se deve entender o orgulho, fonte de energia moral, cujo estancamento enfraquece e desfigura o homem.

ESCOLA NORMAL DE SANTA RITA DO SAPUCAHY—REFEITORIO

Julgo que, para o homem, a educação é uma necessidade organica. — HORACIO MANN

O papel da professora no ensino da hygiene

DR. LUCAS MACHADO

(MEDICO ESCOLAR DA CAPITAL)

Nos nossos programmas de ensino primario acham-se discriminados os pontos de hygiene que devem ser ensinados. São, sem duvida, pontos bem escolhidos, entretanto a responsabilidade da professora ante seus alumnos relativamente ao ensino da hygiene deve leval-a muito além da explicação singela daquellas questões. Ensinar hygiene deve ser, na escola, preoccupação constante, manifestando-se a cada opportunidade e sob todas as fórmas. Para isso devemos lembrar que o exemplo, em materia de habitos de hygiene, é um recurso muito efficaz e deve, sempre que possivel, ser posto em pratica. A creança tem, instinctivamente, a tendencia de repetir aquillo que vê fazer, e, deste facto, devemos tirar o maior proveito possivel. Assim, um methodo que, certamente, dará excellentes resultados é o seguinte: quando a professora suspende a classe para o recreio diz aos seus alumnos: — "Temos agora que cuidar da nossa merenda, e como as nossas mãos não devem estar limpas, vamos todos primeiramente laval-as com sabão para que a merenda não nos faça mal", acompanhando-os assim, diariamente, ao lavabo, e dando-lhes o bom exemplo terá ella no fim de certo tempo incutido em seus alumnos um utilissimo habito, que certamente os acompanhará por toda a vida.

Um tal alumno, no seio de sua familia torna-se mesmo um elemento de educação sanitaria para seus irmãos menores e, em alguns casos, até mesmo para os maiores: certa alumna, de 9 annos, mas muito bem educada disse-me uma vez ter reparado que seu pae se esquecia sempre de lavar as mãos antes das refeicões e concluiu: — "O sr. não acha que elle póde um dia ficar doente?". Este facto, que vivamente me impressionou, vem demonstrar o extraordinario alcance da instrucção sanitaria do alumno.

A varredura do assoalho na escola deve merecer, tambem, algumas reflexões: ao alumno explica-se que o pó do interior das casas é perigoso, não se devendo levantal-o ao varrer, e devendo-se, de preferencia, empregar o panno molhado em logar da vassoura. Mas que valor póde ter esta explicação si o alumno, olhando pela janella, vê a servente varrendo o alpendre e levantando o mesmo pó que elle acaba de saber ser perigoso? Certamente que na imaginação do alumno paira logo a duvida, sinão a certeza, de que o perigo do pó é uma historia da carochinha.

Primeiramente, esta limpeza não deve ser feita durante as aulas, todavia ha muita vantagem em que o alumno *veja* a servente passar o panno humedecido no assoalho, porque isso vem confirmar o que elle aprendeu, e, de tal modo que, quando em sua casa vir a empregada arremessar, displicentemente, a vassoura pelo chão, sentirá, tal como a alumna a que me referi ha pouco, o perigo daquillo que na escola não vê fazer, e então: — "Mamãe, a Maria está varrendo a sala e fazendo pó, que póde conter microbios perigosos; é melhor fazer como na escola..." Por ahi se vê a importancia de uma propaganda sanitaria pratica e constante, que está ao alcance da professora realizar com seus alumnos. E' verdade que tudo custa, dá trabalho, mas sempre se consegue o fim desejado. O principal é insistir e verificar si o alumno cumpre o que apprende. Tenho visto alumnos em pessimo estado de limpeza, com a bocca em detestavel abandono, e que, no emtanto, respondem com nasmosa precisão as perguntas que se lhes fazem sobre as regras da hygiene corporal e buccal.

Certamente que a professora ensinou o programma de hygiene, mas como não verificou si o alumno punha em pratica o que apprendia, todo o seu trabalho resultou inutil. Aqui, na Capital, não são raras as classes que deixam no visitante uma agradabilissima impressão; nota-se uma preoccupação de asseio, de vaidade mesmo, nos alumnos, parecendo que cada qual quer capricharmais na limpeza; nestas classes o visitante, principalmente o hygienista, sente logo admiração pela professora, porque ella está nos seus alumnos, aquillo que se vê é o attestado de um grande esforço, de uma dedicação intelligente e nobre. Vem isto demonstrar que, relativamente a habitos sanitarios, tudo se póde conseguir dos alumnos. Aqui o problema se simplifica incontestavelmente com a creação do corpo de enfermeiras escolares; tudo é questão de collaboração intima entre estas e as professoras.

São rarissimos os casos de alumnos totalmente insensiveis a uma instrucção sanitaria intelligente. Assim foi um caso recente: visitando uma classe de um de nossos grupos, scientificou-me a professora, aliás das mais distinctas, ter surprehendido na merenda de um seu alumno um vidro contendo vinho; e note-se que os alumnos da classe em questão recebem excellente instrucção sanitaria e conhecem perfeitamente os horrores do alcoolismo.

A professora deve exigir dos seus alumnos uma correcta posição na carteira, durante a escripta, a

leitura ou quando presta attenção, tendo o cuidado de explicar minuciosamente os inconvenientes da posição defeituosa. Do mesmo modo não deve permittir que o alumno leve os dedos ou o lapis á bocca; não resta duvida que o alumno custa, ás vezes, a perder estes maus habitos, mas ainda aqui é questão de insistir e explicar porque o faz.

Deve-se tambem exigir que cada alumno beba agua no seu copinho, ou, quando existir papel adequado, no copinho de papel que elle sabe fazer.

Nas escolas do interior do Estado, onde não existe medico escolar ou enfermeira, o papel da professora é ainda mais complexo, pois além do ensino da hygiene, deverá ainda, na medida do possivel, supprir a falta daquelles, indagando do funccionamento dos orgãos da audição e da visão dos seus alumnos, collocando na classe os que ouvem ou vêm mal mais para a frente, procurando saber si os seus alumnos augmentam de peso, esforçando-se por descobrir e isolar os alumnos portadores de molestias contagiosa, etc. Para o exame de visão do alumno existem quadros especiaes, de manejo muito simples, usados pelas enfermeiras nos grupos da Capital e que a Directoria da Instrucção póde fornecer para as escolas do interior.

Na sua moderna concepção, a escola primaria desempenha extraordinario papel na "formação sanitaria" do individuo. Hoje uma escola que não ensina ao alumno o dever da limpeza corporal, a noção mais exacta quanto possivel da prophylaxia das molestias contagiosas, especialmente da tuberculose, a repulsão ao alcool e ao fumo, a necessidade de uma alimentação sadia, da vida ao ar livre, em uma palavra — o cultivo intelligente da saude — é uma escola defeituosa, que desempenhou somente a metade do seu papel; uma escola, póde-se dizer... que falhou!

ALGUMAS PROFESSORAS DOS GRUPOS ESCOLARES CENTRAES — JUIZ DO FÓRA. VÊ-SE AO FUNDO O INSPECTOR MUNICIPAL PROFESSOR MACHADO SOBRINHO, TENDO Á SUA ESQUERDA O DIRECTOR DOS «GRUPOS CENTRAES» PROFESSOR JOSÉ AUGUSTO LOPES E, Á DIREITA, O REGIONAL CUSTODIO LEITE SALLES—DIA DA ARVORE.

O dinheiro e a educação

As creanças, em geral, não pensam no dinheiro sinão pensando na satisfacção das suas phantasias, em comprar brinquedos ou gulodices. Si, graças á generosidade do papae, da mamãe, de um parente ou de um amigo, uma somma qualquer lhes cae nas mãos, correm logo a desperdiçal-a.

Basta, entretanto, reflectir um pouco para ver que o mau emprego do dinheiro, no curso dos primeiros annos, terá sempre as mais graves consequencias no futuro da creança.

Esta será prodiga, ficará ignorando o valor do dinheiro, si os paes lh'o houverem dado inconsideradamente e para satisfazer futeis caprichos. Aquella será avarenta, incapaz da menor generosidade, si a houverem induzido a accumular sempre, a jamais despender quantia alguma.

Parece-nos que, para despertar o senso das responsabilidades na creança, preciso é que algumas regras sejam observadas.

A primeira é que o dinheiro não se deve dar á creança sinão em recompensa de um esforço determinado. Ganha-se o dinheiro por meio do trabalho. Tal é uma verdade que cumpre lembrar sempre. Só excepcionalmente é licito dar dinheiro a titulo de presente.

O dinheiro é util. Não deve ser gasto por capricho e muito menos para satisfazer paixões. A creança que houver despendido o seu dinheiro comprando gulodices, despendel-o-á mais tarde, quando fôr grande, em prazeres mais perigosos.

E', portanto, necessario pôr ordem nas despesas da creança, ajudando-a a descobrir os objectos que lhe possam ser uteis. Força é que sejam excepcionaes as despesas com o fim unico de chegar ao goso, e, no caso de as fazer, não deve despender com ellas senão uma pequena parte das economias.

O dinheiro é um meio de fazer o bem. Por isso, a creança deverá sempre pensar nos pobres, quando empregar dinheiro tendo em vista a acquisição de coisas uteis ou a satisfacção de um prazer.

O dinheiro é um meio de previdencia. Despendendo-o em certas obras mutualistas, não sómente nos garantimos contra os riscos da vida, apercebemo-nos para attenuar os nossos soffrimentos, em caso de doença, mas ainda contribuimos para suavizar os soffrimentos alheios.

Tendo em vista fazer com que as creanças comprehendam os seus deveres de previdencia e solidariedade social, fundou-se na França uma grande associação com o titulo — *Mutualidade Familiar Franceza*, que está prestando os melhores serviços.

Seria bem, em Minas, começando por Bello Horizonte, fundassemos associações eguaes a essa, convidando os paes e as creanças a participarem dos seus beneficios.

E' um meio excellente de desenvolver na creança o senso das responsabilidades, é despertar nella um legitimo sentimento de orgulho, leval-a a fazer parte de uma sociedade de previdencia e de auxilio mutuo.

I. V.

GRUPO ESCOLAR DE CAMBUQUIRA—ALUMNOS A' ESPERA DO HASTEAMENTO DA BANDEIRA NACIONAL

Geographia Escolar Moderna

Sua natureza, fins e relações

POR DE FOREST STULL

(Membro da cadeira de Geographia no Teachers College)

Versão do inglez, especialmente para a «Revista do Ensino» por José Gouvêa

A NATUREZA DA GEOGRAPHIA

Tempo ha que, em certa casa de negocios, onde me achava, o proprietario, com quem palestrava, observou-me:

— "Então o sr. ensina geographia, não? Geographia! Nunca pude com tal sciencia. Nem me lembro, mesmo, mais, dos limites do meu proprio condado!"

O meu interlocutor não a considerava, senão como o estudo das linhas limitrophes de condados. Pelo decorrer da conversação, certifiquei-me de que o malaventurado senhor fôra obrigado a metter no toutiço todos os limites de certo Estado. Não é surprehendente, pois, que *nunca pudesse com ella*. E que prazer poderia encontrar no seu estudo?

Durante a Grande Guerra, ouvi de muitas pessôas:

— "De que vale estudar geographia, agora? Esta catastrophe sem egual alterará por completo as fronteiras nacionaes. Aguardem-se o finalizar da guerra, o ajuste dos tratados de paz e o traçado de novos mappas politicos."

Para taes individuos, geographia é um amontoado estafante de limites, que se é obrigado a decorar, sendo exclusivamente de valor o mappa politico.

Outro conhecido surprehendeu-me, de uma feita, com este arrazoado:

— "Porque, á geographia, que é uma sciencia de escola elementar, não preferiu o senhor outro ramo de conhecimento, por exemplo: mathematicas, linguas, historia ou sciencias naturaes?"

Julgava este que pudesse ser, prestes, exgottada no curso elementar. Sel-o-ia, de facto, si se enquadrasse nos restrictos moldes, com que lh'a expuzeram.

Um ex-estudante rompeu, certa vez, contra mim, esta fuzilaria de interrogações:

— "O senhor lecciona geographia? Onde está, então, Okotsk? Em que logar se encontra Kokomo? Onde fica Timbuctu? Qual é o ponto mais elevado do globo?"

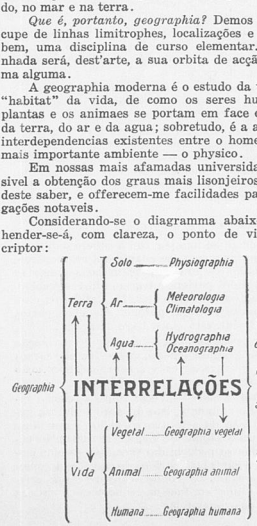
E suppunha ser um geographo uma especie de gazeteiro vagabundo, ou um atlas perambulante, com a obrigação de situar quasi todos os pontos do mundo, no mar e na terra.

Que é, portanto, geographia? Demos que se occupe de linhas limitrophes, localizações e seja, tambem, uma disciplina de curso elementar. Tão acanhada será, dest'arte, a sua orbita de acção? De forma alguma.

A geographia moderna é o estudo da terra como "habitat" da vida, de como os seres humanos, as plantas e os animaes se portam em face do dominio da terra, do ar e da agua; sobretudo, é a analyse das interdependencias existentes entre o homem e o seu mais importante ambiente — o physico.

Em nossas mais afamadas universidades é possivel a obtenção dos graus mais lisonjeiros no campo deste saber, e offerecem-me facilidades para investigações notaveis.

Considerando-se o diagramma abaixo, comprehender-se-á, com clareza, o ponto de vista do escriptor:



No diagrama, vê-se, bem destacada, a palavra INTERRELAÇÕES, para denotar que a geographia é o estudo das relações reciprocas que a vida e a terra mantêm entre si. Passemos agora á analyse das suas diversas subdivisões.

SUBDIVISÕES DA GEOGRAPHIA

A Physiographia. — Uma das partes da geographia occupa-se da origem e historia das formas da crosta terrestre (montes, valles, littoral, planicies, planaltos, montanhas, continentes e bacias oceanicas).

Não obstante se travar conhecimento com ella nos cursos elementares, é, todavia, nas academias e universidades, onde deve ser aprofundada.

A Meteorologia. — Tambem subdivisão da geographia, tem por escopo o estudo dos phenomenos atmosphericos. Nossos previsores do tempo, do posto meteorologico norte-americano, são meteorologistas, devotados, ha muitos annos, ininterruptamente, a analyse das condições atmosphericas, no intento de beneficiar o marujo, o fazendeiro, o commissario e innumeros outros individuos.

O climatologista dispõe os dados colhidos pelo observador dos estados variaveis da massa gazosa, que envolve o globo, e fornece-nos um quadro minucioso dos climas da terra.

A Hydrographia é o estudo que trata do conhecimento dos mares, rios, lagos, lagunas, pantanaes e demais porções acquoreas á face do planeta.

A Oceanographia, ramo da hydrographia, occupa-se, com pormenores, dos oceanos em todas as suas phases. A examinal-os passaram a vida o sr. João Murray e o finado Principe de Monaco; não obstante, distinguiram-se de outros por conceberem quanto lhes ficou ainda por apprender.

Que entendemos por geographia vegetal?

E' a sciencia que tem por fim o estudo da distribuição das plantas e como se adaptam á região, onde vivem. Os pinheiros brancos viçam no septentrião dos Estados Unidos por encontrarem alli certo sólo e condições climaticas convenientes. Na California e na Florida, ha muita laranja, porque, naquellas partes do paiz, esta fructa está quasi livre de geada.

O melhor processo para se conseguir uma noção solida sobre geographia vegetal, que se faz nos cursos elementares e universitarios, é a acurada observação da vida da planta em seu "habitat".

Geographia animal. — Versa sobre a relação entre o animal e o ambiente, isto é, sobre as linhas geraes de adaptação do ser vivo ao meio. Uma illustração interessantissima, de facil comprehensão pelos alumnos, que se poderia dar-lhes, nas escolas elementares, é a organização curiosa do camello, accomodada aos areaes adustos, onde transcorre sua existencia, e a da renna, em face das condições climaticas e vegetativas das zonas frias.

A geographia humana, parte, sem duvida, mais importante, da sciencia sobre que vimos falando, encara o modo de vida dos seres humanos, ante o facies geologico. O seu ambito é tão vasto, que se multiparte em: *geographia historica* ou estudo das condições circumstantes que determinaram os acontecimentos, idéas e idéaes passados; *geographia politica*, perquirição das influencias locaes, orientadoras do desenvolvimento nacional: *geographia industrial* averigua que caracteristicas de situação favoreceram taes ou quaes actividades humanas; *geographia commercial*, finalmente, que analysa o commercio e o transporte, originados de causas de localidade. O autor applica, tambem, á geographia vegetal, animal e humana, as expressões — ecologia vegetal, animal e humana.

Dada a amplitude do objectivo da geographia, e a sua importancia, facilmente se conclue a impossibilidade da negação de que seja, apenas, adstricta ao curso elementar e se extenda aos superiores.

Exposta a natureza actual da geographia, qual a finalidade que o docente, no exercicio da sua profissão, deve trazer em mente?

FINS DO ENSINO DA GEOGRAPHIA

Fins geraes — Para ser fructifero o ensino desta sciencia, a comprehensão de seus fins e o esforço para os alcançar são imprescindiveis. Esforços pertinazes, norteados para alvos ou resultados definidos, são sempre mais efficazes que actividade sem orientação, embora constante. A meta a attingir dá uma finalidade ao trabalho e, sem esta, as energias dispersam-se, nada se conseguindo. Isto é especialmente verdadeiro e infallivel, tratando-se de geographia. Poder-se-ia, assim, organizar uma lista muito longa dos fins em mira, o que seria improficuo, porque a prolixidez predisporia o professor ao descaso delles. Limitou-se por isso á selecção ao seguinte:

I. — Levar o discipulo ao conhecimneto de outros povos e outras terras.

II — Guial-o á concepção de que ha estreita relação entre as condições locaes e a vida de um povo.

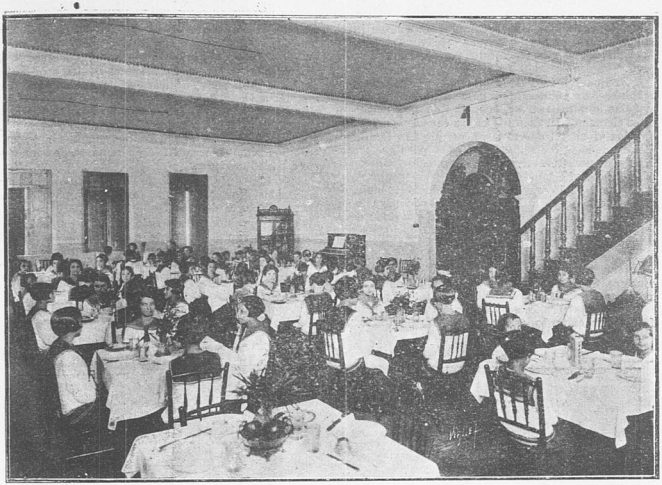
III. — Desenvolver-lhe a comprehensão dos interesses communs e das interdependencias dos povos do globo, pois isto lhe radicará no coração o sentimento de "fraternidade, que promoverá a paz mundial."

IV. — Auxilial-o na acquisição da capacidade de apreciar as bellezas da natureza.

Afim de que fique bem patente o ponto de vista do auctor, os fins serão tratados cada um de per si:

O conhecimento de outros povos e outras terras.

As disciplinas que se distinguem mais pela sua importancia, no curriculo elementar, podem ser grupadas, sob dois aspectos: instrumento e conteudo. A este pertence a geographia, e tão abundante é de riquezas que, por vezes, chega a embaraçar. Dellas, entretanto, pintar-se-ão scenas referentes á vida de



ESCOLA NORMAL DE SANTA RITA DO SAPUCAHY — REFEITORIO, VENDO-SE AO FUNDO A MESA DOS DIRECTORES.

povos como nós, ou somente differindo em nacionalidade, raça, lingua, costumes e habitando terras parecidas com a nossa ou assás dissemelhantes. Que outra disciplina póde, como esta, reprimir e amplificar o horizonte mental infantil?

A' medida que o menino vae apprendendo, em successão, os paizes e os povos, começa, tambem, gradativamente, a surgir-lhe no cerebro a intelligencia de que elle e os seus não são os unicos no mundo, mas, sim, tão só, minima parcella do grande todo — a Humanidade.

Ha algo de interessante neste processo?

Sim. E porque se tornou a geographia tediosa tarefa de apprehensão difficil? Culpados são os professores que assim a fizeram, empregando massudos calhamaços encyclopedicos. O conhecimento de outros povos e partes do mundo não se logra sem informação; mas deve ser dada ao alumno por necessaria, não para os habilitar a ruminar 95 ou 96 paginas do texto.

Qual a utilidade deste saber? Por certo, não é para que, por meio delle, se passe em exames ou se assegure, ulteriormente, a promoção para a classe seguinte, si bem se obtenha tudo isto; é para se despertar a imaginação do pequeno, para o dotar com um empenho intelligente a respeito de outros povos, para lhe estimular um desejo posterior de informação pela leitura e para se lhe formar uma base, da qual dependerão todas as outras suas consecuções.

Guia para a concepção da correlação entre o meio geographico e a vida de um povo. — O esquimau do Norte abriga-se com as pelles e os pellos macios dos animaes polares; o indio da região superior da Amazonia, não. A razão é devida ao ambiente geographico. Si compararmos a alimentação, casas, abrigos de ambos, veremos tudo toando com as circumstancias locaes. Um modo useiro de provocar o riso é a menção da grande marinha suissa. A falta della importa em alguma censura aos suissos, ou numa consequencia natural do meio? Será puro acaso serem os norueguezes optimos marujos? Foi, tambem, a sorte que fez da Inglaterra a grande nação industrial, que conhecemos? Exemplos sem conta adduzir-se-ão para possibilitar o didacta a conduzir o infante a ver que taes e taes factores geographicos, como situação, área,

clima, topographia, sólo, accumulações d'agua, littoral, mineraes, plantas e animaes nativos — vêm influenciando ou influenciaram na conducta de um povo.

Frequentemente, determinando os elementos geographicos, preponderantes, descobrimos a razão das medidas administrativas, leis, etc., de uma nação. Si esses elementos ou factores são as causas decisivas do "modus vivendi", de um povo, porque não familiarizar, desde logo, o discipulo com elles, para que o ajudem, nas suas tentativas, a comprehender as condições do globo?

Mas isto não se realiza, chamando meramente, de quando em vez, a attenção do educando para a relação mutua entre as circumjacencias e a vida: deve, no decurso de seu estudo de paiz a paiz, ensinar-se-lhe a investigar essa relação.

Cuide-se, todavia, de não implantar no cerebro da creança a idéa de que o homem é, *absolutamente*, uma creatura do meio. Evite-se a crença em tal determinismo cego.

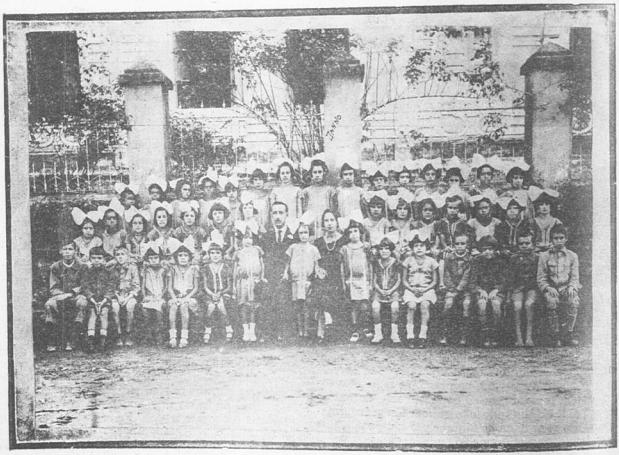
Na Inglaterra, o meio é propicio á manufactura; fossem, no emtanto, certas invenções, alli feitas nos fins do seculo dezoito, realizadas por outra gente, os inglezes certamente não se salientariam como povo manufactor, e a sua historia correria outros tramites.

O indio já estava em Massachussetts bem antes da vinda do branco; utilizára-se do mesmo sólo, das mesmas arvores, dos mesmos rios, gosaram do mesmo clima e do mesmo littoral que o branco; comtudo, a reacção deste sobre o meio foi muitissimo differente. Este, em condições analogas, incrementou a producção de madeiras, a construcção de navios, o commercio e a manufactura.

O meio, é verdade, não deixou de actuar, mas com resultados diversos, porque influenciou povo de caracter e cultura diversos.

A geographia offerecerá esplendido subsidio no tocante á acção do ambiente, mas incumbe ao professor, ao lançar mão della, não se deslembrar de que a mente do escolar joven está antes aberta que fechada aos effeitos possiveis de outros factores e condições.

(Continúa)



GRUPO ESCOLAR «AMANCIO BERNARDES» — SANTO ANTONIO DO MONTE — ALUMNOS DO II ANNO

TIRADENTES

I

Augusto, varonil, eil-o que passa,
Firmes os passos, a expandir sereno
O olhar pelo horizonte. E não lhe embaça
Da lei a cruêza a paz de Nazareno...

Em volta do pescoço, atada a corda...
Grenha solta ao sabor da viração...
E o tropél dos cavallos, que concorda
Com o silencio da lenta procissão...

Leva abraçado e bem unido ao peito
Jesus crucificado — o outro Jesus...
Tinha do mestre o mesmo calmo aspeito,
Como elle carregava a mesma cruz...

Vae atráz o carrasco indifferente...
Segue-lhe, a passo, a tropa dos dragões...
E os sinos da cidade, alegremente,
Voluteiam, sonóros, nos torreões...

II

A' praça do martyrio eil-os chegados...
Em triangulo se ageita a tropa armada...
Os cavallos, de prata ajaezados,
Batem as patas fórtes na calçada...

Paira um fundo silencio pela praça...
Sópra de leve o vento sussurrante...
Quebrando a paz da Natureza, passa
O badalar dos sinos, lancinante...

III

Do cadafalso ao tôpo, extraordinario,
Barbas voejando a tôa sobre o peito,
Extende a vista o grande visionario
Sobre o povo calado de respeito...

Para os céos elevando a fronte augusta,
Mãos apertando o peito incandescente,
Pede a Deus para a Patria a sorte justa,
Justa sorte de ser independente...

Então, o confessor lhe fala, amigo:
— Pede, filho, perdão dos teus peccados...
Foste infiel, porém terás abrigo
No céo, pois Deus é pae dos desgraçados...

Grande e sereno o martyr se alevanta...
E erguendo a voz sonóra e a fronte erguendo,
Fala: Não, frade. A lei de Deus é santa
E não castiga aquelle que, morrendo

Em prol da Patria amesquinhada e escrava
Morre em prol da mais pura das missões...
E' com o sangue dos justos que se lava
A nodoa negra das escravidões!...

IV

E entregou-se ao carrasco. O povo, mudo,
Mal respirava. Atado o nó, jogou-se
No espaço. E apparecia entre o velludo
Da barba espessa uma expressão tão doce,

Tão bella de heroismo e de bravura,
Que mesmo em rude transe de agonia,
A balançar, esqualido, na altura,
A sua face livida sorria...

JOÃO DORNAS FILHO

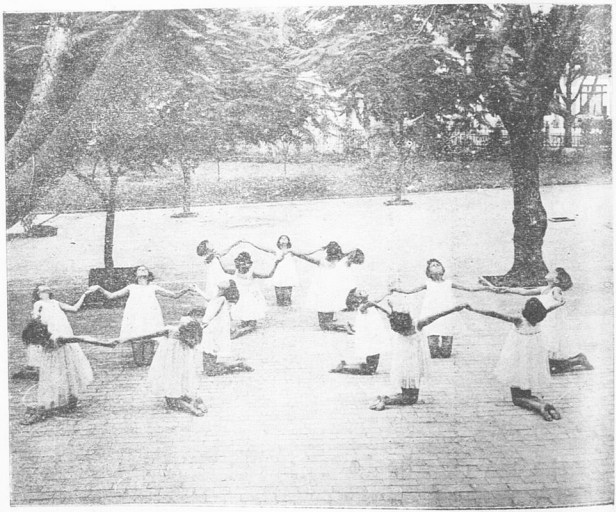
BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

A gymnastica rythmica, na opinião de uma especialista

A gymnastica rythmica educa os sentidos, habituando-os á harmonia, á nobreza, á elegancia e á mais alta espiritualidade.

Na cidade do Rio de Janeiro, onde pretende fundar um curso de gymnastica rythmica, entrevistada pel "O Jornal", eis a opinião de mlle. Elza Pfluger acerca daquella disciplina — unicos cinzeis para a belleza e robustez do corpo humano.

— Desejo fundar aqui um curso de gymnastica rythmica. A minha escola é a mais moderna. E tem uma particular significação athletica. Fiz um curso especial de gymnastica rythmica em Zurich, na Escola de Eurythmia, que é uma das mais bellas instituições da Allemanha. Estudei com o professor Rudolf von Labau. E' uma notabilidade. Um sabio! Allia a uma cultura scientifica excepcional, um perfeito senso esthetico. Foi quem fundou a Escola de Zurich, e tambem, o novo methodo de gymnastica. Depois de instituir a gymnastica de rythmo musical, elle a introduzia



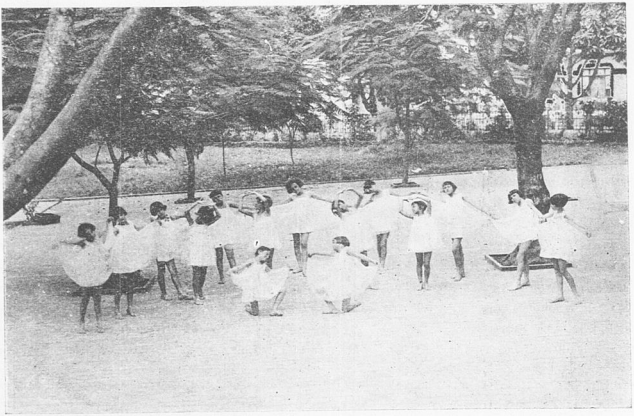
GRUPO ESCOLAR «RIO BRANCO», (CAPITAL) — ASPECTO DE ALUMNAS EM EXERCICIO DE GYMNASTICA RYTHMICA

nas principaes cidades da Allemanha e da Suissa. E tão bellos foram os resultados do novo methodo de von Labau, que elle hoje está unanimemente acceito e adoptado nas grandes cidades da Europa e dos Estados Unidos. E' justo. E' natural, porque se trata de um methodo que é, a um tempo, esthetico e scientifico, elegante e racional.

O sport e a gymnastica em geral, embora uteis á mulher, compromettem, até certo ponto, a sua belleza corporal; afeiam e engrossam as massas musculares, dando-lhes relevos pouco harmoniosos. A gymnastica rythmica, possuindo todas as vantagens do sport, não tem as suas desvantagens. Faz o corpo forte, fazendo-o, porém, principalmente, bello. E' a verdadeira gymnastica da belleza. Até mesmo porque se serve da musica, elemento esthetico por excellencia. A musica ensina ao gesto o verdadeiro sentido da belleza. O rythmo e a harmonia da musica, confundindo-se com a graça e a elegancia do gesto, constituem um authentico espectaculo esthetico. A gymnastica rythmica educa tambem os sentidos habituando-os á harmonia, á nobreza, á elegancia, á mais alta espiritualidade. O rythmo e a harmonia da musica se infiltram subtilmente no espirito dos educandos, elevando-lhes os sentimentos e os pensamentos. Esta gymnastica é, ainda, um factor de perfeição moral, depois de ser um elemento de perfeição physica. E' a mais moderna e a mais harmoniosa das artes — participando, a um tempo, da gymnastica, da musica e da dansa! Para que esse methodo seja bem comprehendido e applicado, é preciso pensar nitidamente ou forçar o pensamento a assimilar todas as tonalidades da musica.

— E o fim principal da gymnastica rythmica?

— E' conservar a belleza e a força, conservando a juventude do corpo. Gymnastica ideal para as mulheres... Seus effeitos: reduz o paniculo adiposo ao seu estado natural; dá vida e "souplesse" aos movimentos; desenvolve os musculos com harmonia e proporção; educa o ouvido e o corpo na melodia musical; empresta ao andar um rythmo perfeito...



GRUPO ESCOLAR «RIO BRANCO» (CAPITAL) — ASPECTO DE ALUMNAS EM EXERCICIOS DE GYMNASTICA RYTHMICA

Cultivae harmonicamente todas as forças ou faculdades do ser humano.

PADRE GIRARD

Quadro da matricula nos Grupos e Escolas Estaduaes da Capital, no 1.º trimestre de 1927, com a percentagem da frequencia sobre a matricula em cada um dos mezes do trimestre

ESTABELECIMENTOS	NUMERO DE CLASSES	MATRICULA			MEDIA DA MATRICULA EM RELAÇÃO AO NUMERO DE CLASSES	FREQUENCIA			PERCENTAGEM DA FREQUENCIA EM JANEIRO SOBRE A MATRICULA	PERCENTAGEM DA FREQUENCIA SOBRE A MATRICULA EM FEVEREIRO	PERCENTAGEM DA FREQUENCIA SOBRE A MATRICULA EM MARÇO
		Masculina	Feminina	TOTAL		Janeiro	Fevereiro	Março			
Grupo Escolar "Barão do Rio Branco"	22	567	582	1149	52,22	1043	1041	1019	90,77	90,60	88,68
» » "Affonso Penna"	13	321	338	659	50,69	570	563	552	86,49	85,43	83,76
» » "Olegario Maciel"	14	388	384	772	55,14	661	630	630	85,62	81,60	81,60
» » "Francisco Salles"	14	385	427	812	58,00	751	709	675	92,48	87,31	83,12
» » "Henrique Diniz"	6	139	177	316	52,66	246	243	231	77,84	76,89	73,10
» « "Silviano Brandão"	20	435	523	958	47,90	915	887	881	95,51	92,58	91,96
» » "Bernardo Monteiro"	12	343	375	718	59,83	555	523	534	77,29	72,84	74,37
» » "Barão de Macahubas"	18	584	591	1175	65,27	1092	1026	1047	92,93	87,31	89,10
» » "Cesario Alvim"	12	276	315	591	49,25	550	529	521	93,06	89,50	88,15
» » "Assis das Chagas"	11	604	38	642	58,36	546	490	423	85,04	76,32	65,88
» » "Dom Pedro II"	13	248	330	578	44,46	518	518	499	89,61	89,61	86,33
Escola Infantil "Bueno Brandão"	11	189	211	400	36,36	326	291	282	81,50	72,75	70,50
» » "Delfim Moreira"	7	255	283	538	76,85	429	426	386	79,73	78,99	71,74
Escolas Agrupadas «Lucio dos Santos"	4	136	170	306	76,50	261	267	272	85,29	87,25	88,88
» » "Sandoval de Azevedo"	6	196	201	397	66,16	336	323	315	84,63	81,36	79,34
» » "Flavio dos Santos"	2	88	82	170	85,00	165	151	147	97,05	88,82	86,47
» » "Mello Vianna"	2	33	62	95	47,50	55	56	61	57,89	58,94	64,21
» do Bairro da Serra	2	48	42	90	45,00	83	83	79	92,22	92,22	87,77
Escola Beneficente Italiana	1	46	41	87	87,00	77	83	83	88,50	95,40	95,40
» da Rua Carangola	1	28	29	57	57,00	57	56	52	100,00	98,24	91,22
	191	5309	5201	10510	55,02	9236	8894	8689	87,87	84,62	82,67

NOTA:—No curso primario dos estabelecimentos de ensino particular da Capital que, até a organização do quadro acima, enviaram á 4ª Secção da Secretaria do Interior mappas de matricula, esta, durante o primeiro trimestre, foi: Escola de Aprendizes Artifices, 344 alumnos; escola "Donato da Fonseca", 140 alumnos; escola "S. Vicente", 87 alumnos de ambos os sexos; escola "S. Domingos", 86 alumnos de ambos os sexos; escola "S. Geraldo", 53 alumnos de ambos os sexos: collegio "Santa Maria", 63 alumnas; collegio "Sagrado Coração de Jesus", 123 alumnas; collegio "Isabella Hendrix", 77 alumnas; collegio "Baptista Americano", 31 alumnos; collegio "Bello Horizonte", 14 alumnos; collegio "Arnaldo", 28 alumnos. Total, 707 alumnos.

O ensino intuitivo

Maria Stael Bittencourt

Andam os professores mineiros mui vivamente empenhados em corresponder aos gritos de peleja que, em bôa hora, vêm partindo dos ultimos governos. Instruir e educar, educar instruindo, transformar as antigas escolas em viveiros de homens alegres, fortes de corpo e de espirito, é na sua maioria, a grande preoccupação.

E, de mãos dadas com a pedagogia moderna, olhos fitos no seu ideal, lá se vão esses modestos obreiros da grandeza patria, guiando as gerações novas por caminhos seguros e floridos, em demanda de um futuro risonho e venturoso.

"A creança aprende mais facilmente brincando do que estudando, e mais rapido lhe entra o conhecimento pelos olhos e pelos dedos do que pelos ouvidos". É' por isso que o professor moderno transformou sua escola em theatro, museu e officina, e seu grupo escolar em reino da Alegria e do Trabalho.

As licções, por mais difficeis que sejam, graças á sua boa vontade, perspicacia e amor, tornam-se um brinco para os discipulos, filtradas que são, gotta a gotta, atravez de dramatizações intelligentes, anecdotas interessantes, contos jocosos, gravuras suggestivas, jogos, mappas, desenhos, recortes, excursões e exercicios.

Todo o ensino é hoje materializado. Já se foi o tempo em que a creança aprendia lendo, aprendia ouvindo, sem ver, sem fazer, sem tocar.

Hoje, em bandos, vão ellas, garrulas e sorridentes, rumo das fabricas, officinas, parques, campos e jardins, para que os mestres, no seio do trabalho e da natureza, lhes ensinem o dever de solidariedade, lhes descubram os mysterios da vida, lhes contem o segredo da terra, da agua, das arvores e lhes faça conhecer o mundo de sacrificios, que custou a actual civilização aos nossos antepassados.

E, assim, o alumno vae se affeiçoando ao meio em que vive, interessando-se pelos homens e pelas cousas, comprehendendo, emfim, que tambem é dever seu concorrer para o engrandecimento da Patria.

FUNCCIONARIOS DO GRUPO ESCOLAR «AMANCIO BERNARDES», — SANTO ANTONIO DO MONTE

EXCURSÕES ESCOLARES

MARIANNA NORONHA HORTA

Nada ha de mais vivo, de mais efficiente, que melhor venha ao encontro do professor, abrindo caminho á receptibilidade da creança, do que a excursão escolar. Tudo o que podemos reunir em um museu é frio, inexpressivo, qualquer coisa que foi e não é mais, que não tem a animação da paizagem, onde tudo é vida, é selva, é energia; que não tem a vida de nossas aguas rumorosas; a vida dos cafezaes, que põem ondulações avelludadas pelas encostas; a vida das machinas fabris que s eentrechocam; emfim, de tudo onde a creança possa ver a energia de braços reduzida á acção, de par com o milagre de uma terra, onde tudo sabe ser bello e grande. Tudo o que podemos dizer na reclusão das quatro paredes da escola, nada é, si não está alli o palpavel, o attingivel, sem o qual a palavra é quasi nulla.

Que de coisas poderá a professora ensinar ante o livro aberto da natureza, e da nossa natureza! Nenhuma terra póde ser mais propicia! Riquezas á flor da terra, patentes; energias latentes á espera de braços, suspensas nas pequeninas mãos dessas creanças!

Passa uma locomotiva, e a professora diz da sua utilidade como meio de approximação dos povos; diz do seu papel como vehiculo do progresso commercial e industrial. A' beira de um rio, ella dirá da vida dos peixes, dirá do rio como meio de communicação, do rio como adubador do sólo, da applicação, como forca, das cachoeiras; voa uma pequena ave e virá uma lição de ornithologia.

Aqui mostra a differenca de perfil das diversas arvores, dirá da variedade da folhagem, dos troncos, das flores, dos fructos; emfim, uma bella lição de botanica, que permitte uma classificacão litteral dos vegetaes, perfeitamente concretizada. Alli é a uma fabrica onde a creança verá o algodão em todas suas phases, o seu beneficiamento desde que sae da lavoura até o tecido alvejado e prompto a ser entregue ao commercio; mais além, são ruas que nos lembram nomes immortalizados nos beneficios á Patria, aos quaes os poderes publicos rendem homenagem, num movimento que é, ao mesmo tempo, um estimulo ás gerações futuras; são os monumentos onde o util teve o complemento do bello; jardins e praças, onde, de par com a lição de botanica, dirá a professora do seu cultivo, de sua utilidade e de sua conservação.

Mas, si abrimos os olhos da creança para o que temos de util, si lhe povoamos o cerebro de ambições, si lhe fazemos ver a necessidade de acção, a necessidade de fruir lucros para seu exito na vida, e para a grandeza do Paiz, claro está que lhe devemos tambem despertar o sentimento de arte, tocando de idealismo o ensino, onde um quasi nada official existe e isso mesmo bem mal comprehendido e consequentemente bem mal executado!

E' ainda nas excursões escolares que se nos deparam as melhores opportunidades para isso.

O estudo em critica de nossos monumentos, do traçado dos jardins, de suas estatuas, despertará na creança a consciencia de um todo harmonioso. O contacto com a natureza é que faz viver em nós as primeiras emoções estheticas.

O deslumbramento de uma paizagem animada, leva o espirito a um mundo de phantasias, faz transmontar a imaginação ao inattingivel das cousas vagas, só tocadas do pensamento em extase, em transporte de emoções. E esse mesmo transporte o sentimos tambem quando creanças e o surprehendemos, através das inflexões da physionomia, sobretudo nos nossos alumnos, ante a plastica de um todo, onde as linhas e as cores se harmonizam, quer seja de um todo gerado através de um temperamento de artista, quer seja de um todo gerado através do pensamento do maior artista: a natureza!

Até bem pouco tempo, o preconceito julgou dever cohibir em nós o sentimento de arte, taxando de por demais sonhadora a raça latina. E' isso mais uma consequencia do mimetismo que nos tem embaraçado os passos, calcando os nossos moldes de ensino pelos americanos que, exclusivamente praticos, na objectiva de um progresso por demais utilitario, põe de parte a qualidade nada rendosa.

Significa isso tão somente deixar ás escuras uma parte do nosso individualismo que deve antes ser caldeado no util e no bello, para um progresso harmonioso do Paiz.

Seria difficil enumerar o que uma excursão nos póde offerecer para illustrar uma lição, todos esses pequeninos nadas que, ao lado das grandes cousas, têm o seu papel importante, quando procuramos relacionar a creança com o mundo externo.

E que alegria e que prazer, ao se abrirem as portas da escola para uma lição sob o céo azul, em pleno sol, em pleno ar livre, no convivio irrequieto, onde a alma da creança se expande, pequenina vida a fremir, toda ella um desejo de liberdade, avezinha á qual se abre a porta da gaiola!

E o ensinamento chega como complemento do prazer, emquanto na reclusão escolar, difficilmente conseguimos tocar de prazer o ensinamento.

Claudio Manuel da Costa

Controversias a respeito da causa de sua morte e seu estudo á luz das diversas opiniões de historiadores.

LUCIO JOSÉ DOS SANTOS

(CONCLUSÃO)

A attitude do cadaver de Claudio é uma prova do suicidio. Uma dissimulação não conduziria áquella attitude. Precisamente por ter a apparencia extravagante e illogica é que a posição do cadaver não é artificial. O suicidio por enforcamento é um facto commum, ao passo que é cousa excepcional ser um individuo morto e depois enforcado. (1)

2.º "e o braço direito fazendo força em outra taboa, na qual se achava passada em torno uma liga de cadarço encarnado, atado á dita taboa e a outra ponta com uma laçada e nó corrediço deitado ao pescoço do dito cadaver."

Concluir d'aqui: "Logo, a posição do braço era vertical", como faz Christiano Ottoni, é absolutamente injustificado. Com effeito, é fóra de duvida, pela propria posição do cadaver, que a taboa a que estava preso o baraço, não ficava muito acima da cabeça do mesmo cadaver. E nem poderia ser a tal *liga de cadarço* muito comprida. Ora, o auto não diz que Claudio collocára a sua *mão* na taboa a que estava preso o baraço, para fazer força para baixo, como póde parecer á primeira vista que fosse mais natural. Claudio, diz o auto, poz o *braço* na taboa, e para isso não se deve concluir necessariamente, a menos que houvesse affirmação em contrario, que o mesmo braço ficasse muito levantado.

Si, de facto, o comprimento da corda fosse pequeno, como se deve suppôr, e pequena, pois, a distancia entre a msema taboa e a cabeça do suicida, em vez de empurrar com a mão, como querem os interpretes do auto, só seria possivel a Claudio exercer o esforço conveniente com o braço, segundo diz o auto; e teria, naturalmente, applicado o braço dobrado, em flexão, de modo a tocar com o cotovello a taboa. Ora, não é natural suppôr que Claudio levantasse o braço para fóra da corda, relativamente á prateleira, mas entre aquella e esta.

Assim sendo, dado o affrouxamento natural do corpo, após a perda dos sentidos, podia perfeitamente ficar o braço detido entre duas das taboas da prateleira e a corda. O auto de corpo de delicto é muito summario, mas não exclue absolutamente estas conjecturas, sem as quaes, aliás, não seria elle comprehensivel.

Accrescentemos ainda uma consideração. Claudio não fizera força contra a prateleira sómente no alto, com o braço direito, mas em baixo com o joelho, como nol-o diz o auto. Qual dos dois joelhos? Isso não nos diz aquelle documento. Mas, em vista dessa descripção, devemos figurar o suicida com o corpo algum tanto afastado da prateleira, no momento de realizar o seu tenebroso intento. Perdidos os sentidos, o corpo tenderia forçosamente a gyrar, até encostar-se á dita prateleira. Ora, esse movimento, longe de fazer cahir o braço, si este estivesse entre a corda e a prateleira, era mais proprio para mantel-o em posição, maxime si a rotação se effectuasse para a direita.

E' certo que estou apenas fazendo conjecturas; mas, si essas conjecturas são perfeitamente plausiveis, si as cousas podiam sem difficuldade alguma se ter passado dessa maneira, forçoso se torna concluir que não é absurda a posição do cadaver, como nol-a descreve o auto. E isso basta para que não sejamos auctorizados a repellir esse documento. A primeira hypothese a acceitar-se é que tal documen-

(1) Manuale di Medicina Legali — Strassmann-Carrara.

to seja authentico e verdadeiro. Conjecturas podem confirmal-o, mas não destruil-o.

3.º — Quando o enforcamento constitue uma simulação de suicidio, *post-mortem*, os phenomenos observados no pescoço da victima são differentes dos que se encontram no caso de suicidio ou assassinato por esse meio. Com o esforço violento do corpo, o baraço tende a apertar-se e, ao mesmo tempo, a subir, tomando posição superlaryngea e produzindo contusões na região percorrida.

Quando, porém, é o caso de enforcamento simulado, de um cadaver, a corda é, em geral, atada primeiramente ao pescoço deste e depois ao ponto de suspensão; e mesmo que o contrario se tenha dado, os factos não se passam do mesmo modo e os phenomenos são differentes. Ora, o auto assignala que o baraço estava "na parte superior do larynge", e que havia no pescoço, do lado direito, "uma pequena contusão que mostrava ser feita com o mesmo laço quando correu". Si o cadaver tivesse sido posto naquella posição, é o pescoço amarrado á taboa, como num enforcamento *post-mortem*, os phenomenos não seriam esses.

4.º — Os cirurgiões affirmam "uniformemente" que a sua convicção de um suicidio por enforcamento provinha exactamente desse exame exterior; pois dizem ser isso que "denotava a figura e posição em que o dito cadaver se achava". E isso dizem elles em presença de dous desembargadores, um tabellião e um escrivão, que todos, seis pessoas, assignam o auto. A menos que não nos achemos deante de seis bandidos ou de seis patifes e covardes, não nos é permittido recusar essa affirmação.

Resta-nos examinar uma observação de Joaquim Norberto, a que parece não haver elle ligado a devida importancia. Diz o Auctor da "Historia da Conjuração Mineira" que as versões sobre o assassinato de Claudio foram espalhadas antes de se conhecer o depoimento do mesmo. E, de facto, assim foi. Era de suppôr, dado o valor de Claudio Manoel da Costa, que o seu depoimento fosse uma peça digna do seu nome brilhante. Era de crer que elle se tivesse conservado altivo, que repellisse quaesquer affrontas, que se recusasse a denunciar os planos da Conjuração e os nomes dos que a ella se tinham filiado, e que houvesse mesmo, conforme se fallou depois, ameaçado o Visconde de Barbacena. Concluia-se, então, que que o haviam assassinado por isso. Mas, conhecido o depoimento tristissimo de Claudio, tudo vae por terra.

Para que assassinar um homem que tão lamentavelmente se humilhava deante do algoz? Que tão tristemente invocava o perdão dos seus perseguidores? Não seria para os seus inimigos muito maior vingança essa de o verem abatido e vencido, que submettido a qualquer genero de morte?

Conjectura, porém, o Dr. Teixeira de Mello, que o assassinato fosse motivado pelo receio de que Claudio, readquirindo a calma, se retractasse de um depoimento, tão ao sabor dos juizes da devassa. Essa escapatoria, porém, só é apresentavel agora, depois de conhecido o deploravel depoimento, e depois que creou raizes tão injustificada versão.

Assim, pois, antigamente, quando se poude crer que o depoimneto de Claudio era altivo e digno, affirmou-se que elle foi victima da sua coragem; e hoje, que se sabe quanto foi lamentavel a attitude do poeta, sustenta-se que o assassinaram, para que elle não se retractasse!

Examinemos, finalmente, a tão falada exhumação do cadaver do Dr. Claudio.

Conforme vimos, ha uma tradição segundo a qual o Vigario Vidal, intimo amigo de Claudio, convencido de que este não se havia suicidado, fôra, alta noite, exhumar o cadaver, para dar-lhe sepultura sagrada, na Egreja matriz de Ouro Preto.

Sobre esse facto, assim se externa J. Norberto: "Duvido muito que no meio de terror, que lavrava em Villa Rica, se atrevesse a tanto o vigario amigo do infeliz poeta". (1)

Vital José do Valle — tal é o verdadeiro nome do então Vigario foraneo de Ouro Preto, a que se refere a tradição mencionada.

O Padre Vital era natural de Cachoeira do Campo, onde foi Vigario antes de ser transferido para Villa Rica.

Na sua interessante "Monographia da Freguezia de Cachoeira do Campo", o Vigario Affonso Henriques de Figueiredo Lemos, referindo-se ao facto attribuido a esse seu predecessor, assim se exprime:

Posto que investido de algum poder como Vigario Foraneo, mas residindo a pequena distancia da suprema auctoridade diocesana, unica competente para resolver em ultima instancia o melindroso caso, não é de presumir-se que o caridoso sacerdote quizesse tomar sobre si, a responsabilidade de exhumar, para dar-lhe abrigo no sagrado, o cadaver de um

(1) **Historia da Conjuração Mineira, pag. 271, nota 2.**

individuo talvez innocente, mas que descera á campa maculado com o estigma de suicida, e que, demais a mais, fôra sepultado por ordem da auctoridade publica como reu de lesa-majestade: razão esta que por certo não deixaria de chamar sobre a cabeça do Revmo. Vital os raios das vinganças do alto, caso houvesse elle, como dizem, praticado essa obra de misericordia; isto com mais subida razão nesse monstruoso processo da inconfidencia em que a mais leve sombra de cumplicidade era razão bastante para enredar qualquer innocente nas tremendas malhas da implacavel justiça." (1)

Nada mais é preciso accrescentar para tornar pouco crivel a tradição relativa á exhumação do cadaver do Dr. Claudio pelo Padre Vital.

(1) Revista do Arch. Pub. Min., Anno XIII.

LADRÕESINHOS

GUSTAVO PENNA

Nem muito amuada, nem muito surprehendida mostrou-se a estimavel dona Maria Ferreira, quando o creado do major Pimenta, o Antonio, escolhendo muito as palavras, amaciando as expressões o melhor que podia, lhe foi levar a queixa do patrão, e contar as tropelias dos meninos della. Eram vizinhos, e um alto muro, meio destelhado já por elles, separava os dois quintaes.

E emquanto o terreno da viuva estava sempre por se capinar, com as velhas arvores cobertas de herva de passarinho, e só as goiabeiras davam fructas, muito bichadas, o quintal do major era um primor, merecidamente elogiado pelo esmero no cultivo das arvores, e pela belleza e variedade de finas e saborosas fructas.

— Este homem ha de ser sempre um casmurro, resmungava dona Maria, depois que o creado sahiu, com os protestos de innocencia dos meninos, chamados a depôr na sua presença sobre a denuncia dos furtos constantes. Coitados dos meus filhos! E' porque não têm pae neste mundo, que são tratados assim!...

E como lhe entrasse aos poucos, no espirito, a vaga certeza de que eram elles os pequenos ladrões, procurava desculpal-os:

— E que mal faz que elles tirem umas fructas, si ha tantas sempre no quintal delle?... Os meninos são sempre sem juizo, e não podem resistir á tentação; até nisto se parecem com os passarinhos. Que mal fazem os coitadinhos em tirar uma laranja, um cacho de uvas, que não custa nem um tostão? Que homem rabugento! Cruz! Credo!

Quem não podia concordar muito com as theorias, inconscientemente socialistas, da bondosa velha, era, certamente, o major.

Vivendo muito mettido comsigo, eram suas occupações predilectas, nas horas desatarefadas da Secretaria, os cuidados com o pomar, os enxertos de fructeiras raras, cuidando de cada arvore com o carinho intelligente de quem trata de pessôas queridas.

— Quanto mais conheço os homens, mais quero as plantas, — dizia sempre. Supportára, até então, muito resignado, as depredações dos rapazinhos da vizinhança, pelo receio de molestar a boa senhora, tornando-se inimigos. Costumava recitar, como regras da vida pratica, aquelles antigos versinhos, que soletrára na escola:

Tua porta fecharás,
Teu ouvido cerrarás,
Teu vizinho louvarás,
E calma vida terás.

Naquelle dia, porém, sentio que se exgottára o calix da resignação. Pela manhã, indo ao pomar,

viu que haviam furtado todas as maçãs, lindas e muito grandes, que reservava para obsequiar a alguns amigos e, ao mesmo tempo, satisfazer seu amor proprio de caprichoso pomicultor.

Demorou-se muito tempo a contemplar os ramos quebrados, verificou o estrago de mais duas telhas do muro, e entendeu que aquillo já era de mais e nem um santo poderia supportar desgosto tão irritante.

Ordenou, então ao creado e hortelão que fosse, em seu nome, apresentar a dona Maria queixa formal, amenizando-a o mais possivel, porque não queria saber de inimizades entre bons vizinhos.

Vimos que a mãe dos meninos procurava defendel-os com a logica do coração: — Coitadinhos! é porque não têm pae neste mundo!...

Nessa tarde encontrei o major Pimenta ainda nervoso, attribulado por motivo tão insignificante, achando que devia ser mais benevolente com as travessuras dos filhos da viuva, para quem eram seus meninos as creaturinhas mais adoraveis, mais obedientes. Uns portentos de educação!

Entendi que me cumpria suavizar naquelle espirito o ridiculo pezar do haver feito uma queixa justa e necessaria.

Narrei-lhe, então, tres factos, testemunhados por amigos meus, a fito de mostrar-lhe quanto em outros paizes o vicio de furtar nas casas e quintaes é quasi desconhecido, tão fundo é o respeito pela propriedade alheia.

Comecei por este:

Uma senhora, filha de Minas, e que foi residir com a familia em uma cidade norte-americana, Knoxville, costumava, como alli se usa, ter na sua varanda, durante o dia, as amplas cadeiras de vime, a cesta de costuras e bordados.

Uma noite, quando se retiravam as ultimas visitas, a nossa patricia, que alli chegára havia pouco tempo, começou a conduzir para dentro da sala de jantar os moveis, que estavam no alpendre.

— Que está fazendo, mistress Neves? perguntou uma senhora.

— Como vê, estou recolhendo as cadeiras, para fechar a porta.

— Não faça isso, disse a outra. Nesta nossa cidade, apesar de ter uma população de cem mil habitantes, talvez, ninguem seria capaz de roubar esses moveis. Aqui não ha gatunos, póde crer.

E lá ficaram na varanda as cadeiras, e as cestas de costuras, sem nenhum risco.

Naquella cidade, como em muitas outras, o que separa um quintal de outro é uma cercazinha, de quasi um palmo de altura, formada por pequenos arcos de ferro, fincados no sólo, delicada como a cercadura d'uma cesta de pão. Para aquella gente, um alto muro divisorio de quintaes de gente amiga, protegido por um temeroso renque de lascas de vidro, seria tão de espantar como si fosse um megatherium...

Narrei, deopis, ao major este outro facto:

Um amigo meu, deputado federal, passeiava por uma formosa manhã, em companhia da senhora, em um arrabalde da cidade de Lausanne, na Suissa. Subiam por uma rua deserta, em forte declive, fechada aos lados por muralha muito baixa.

As pereiras, as macieiras vergavam para a rua com o peso de tentadoras fructas de rara belleza, e as parreiras apresentavam, tambem, ao alcance da mão, os saborosos cachos.

Sentaram-se ambos na muralha, contemplando o ridente espectaculo da cidade, e observando com admiração que ninguem, nem as creanças, tão naturalmente gulosas, haviam colhido uma fructa, siquer, daquelles ramos, que pareciam se offertar com bondade. Era o respeito absoluto pela propriedade alheia, que vedava áquella gente o mais leve e venial desacato.

Houve um momento em que não se via viva alma na ladeira ingreme, flanqueada de tantas arvores, carregadas de fructas... Junto á muralha, de um metro de alto, e ao alcance da mão desse meu amigo, uma parreira extendia-lhe os racimos dourados da uva moscatel.

Elle, cheirando e sopesando um, sentiu-se com vontade de comel-o. Aquillo não valia, talvez um *sou*, um vintem. Que mal fazia?

Nesse momento, colheu-o uma vergonha immensa de haver quasi cahido em tentação. E deixando o cacho saboroso no seu pedunculo, disse á consorte estas palavras sinceras: — Si eu apanhasse estas uvas, seria, talvez, o unico ladrão de fructas em Lausanne!

Um escriptor mineiro, o dr. Alvaro da Silveira, havendo percorrido todos os Estados, quasi, conhecendo as suas capitaes e as cidades mais importantes, desde Manáos até Pelotas, proclama ser a de Joinville, em Santa Catharina, a que melhor impressão causou a todos os excursionistas, sob o ponto de vista da organização municipal, e mesmo quanto á ordem admiravel que alli reina, mostrando não ser

uma utopia, ou mera phantasia, a futura sociedade, sonhada por alguns socialistas intransigentes.

Alli, como em tantas cidades norte-americanas, os quintaes são apenas cercados por um simples fio de arame, de um metro de altura, si tanto. Diversos vegetaes trepadores ou voluveis, diz elle, se apegam ás cercas, que são tão baixas, que, como distinctivo de propriedade, fazem lembrar as divisas feitas a giz, no soalho das salas, e outras grandes camaras da *republica* de estudantes, para representarem o papel de separação dos quartos.

Ninguem salta uma cerca para apanhar fructas, flores, um objecto qualquer. Valem por fortalezas inexpugnaveis esses miseros fechos das hortas e jardins.

Como não ha gatunos na cidade, policiada sómente por duas praças, as folhas das janellas e das portas são de vidro, apenas.

As creanças distinguem-se, em Joinville, pela mais admiravel correcção. Passam por uma arvore carregada de fructas, em logar publico, ou nas beiras das cercas, e, sem consentimento, seriam incapazes de as tocar.

Ouvia-me, muito attento, o major.

— Mas, interrogou aifnal. Que devo fazer, para evitar que aquelles diabinhos continuem a saltar pelo muro, a quebrar galhos, a tirar-me as melhores fructas? Diga-me o que faria em meu logar.

Que havia de lhe responder? Cocei pensativamente a cabeça e disse:

— Homem, isso depende da indole, de modo de pensar de cada um. O violento appellaria para uma metralhadora; o benevolente, para o perdão; o vingativo, talvez se lembrasse de introduzir na polpa d'umas fructas uma pequena dose de tartaro emetico, que obrigasse o pequeno delinquente a vomital-as, com arrependimento sincero e contricção perfeita. Algum mais pachorrento, lembrar-se-ia de os afugentar a rijas bodocadas, como se faz aos sanhaços e sabiás.

— E o senhor? Que faria no meu caso?

—Eu?A coisa mais simples do mundo.Si a estupida e nociva benevolencia da sua vizinha não conseguir que os filhos deixem um vicio tão indigno, que póde influir no seu destino, porque a improbidade é a gangrena do caracter, tornando-os perigosos ladrões, mandaria agarral-os dentro do meu quintal e leval-os á policia, escolhendo um soldado de barbas de portamachado, figura para amedrontar apenas. E' possivel que os corrigisse tamanho vexame, servindo tambem aquelle susto de escarmento aos socios ou discipulos daquelles gatuninhos em botão.

Com ladrões de qualquer edade, de qualquer condição, toda condescendencia é um crime, tambem.

E o major, incapaz de fazer mal a uma gallinha, de uma bondade transparente, sentiu-se por alguns momentos como que levado por uma rajada de destruição e morte. Chispavam-lhe brazas no olhar incendido pela passageira raiva. De mão na cintura, o gesto resoluto, exclamou:

— Pois, está dito! Vou carregar uma espingarda com chumbo escomilha, e o primeiro gatuninho que fôr ao meu quintal, toma uma carga que o fará se coçar por muitos dias!

Souberam os meninos da ameaça, contada manhosamente pelo creado, e nunca mais se animaram a saltar o muro para furtar fructas no quintal do terrivel major. Este, para os recompensar, lhes mandava, uma vez ou outra, uma bandeja de uvas, ou um cesto de jaboticabas.

A carabina tambem nunca appareceu.

O ideal da educação é que se deveria educar a creança não segundo o estado presente da especie humana, mas segundo a idéa de um estado melhor, possivel no futuro, isto é, segundo a idéa da humanidade e do seu destino completo.

KANT

Era uma vez...

O velho, o menino e a mulinha

MONTEIRO LOBATO

Abrindo-se esta pagina para as creanças, cumpre recommendar ás professoras que aproveitem cuidadosamente as historias e fabulas que aqui se publicarem, as quaes poderão ser lidas aos pequenos alumnos e explicadas não só quanto ao fundo moral, como tambem em relação á linguagem, em seus variados aspectos, e quaesquer minucias que offereçam elemento instructivo.

O VELHO, O MENINO E A MULINHA

O velho chamou o filho e disse: — Vae ao pasto, pega a bestinha ruana e aprompta-te para irmos á cidade. Quero vendel-a.

O menino foi e trouxe a mula. Passou-lhe a raspadeira, escovou-a bem escovadinha e partiram os dois, a pé, puxando-a pelo cabresto, pois queriam que ella chegasse descansada para melhor impressionar aos compradores.

— Esta é boa! exclamou um viajante de botas, ao avistal-os. O animal vazio e o pobre velho a pé! Que proposito! Será promessa, penitencia ou caduquice?

E lá se foi, a rir.

Achou o velho que tinha sua razão o viajante e ordenou ao filho:

— Puxa-a tu só. Eu monto e assim tapo a bocca do mundo.

Tapar a bocca do mundo, que bobagem! Comprehendeu isso o velho logo adeante, ao passar por um bando de lavadeiras, occupadas em bater roupa num riacho.

— Que graça! exclamaram ellas. O marmanjão montado, com todo o socego, e o pobre menino a gramar no duro!... Elle, um velho! Ha cada pae malvado por este mundo de Christo... Credo!...

O velho damnou, e sem dizer palavra, fez signal ao filho que subisse á garupa.

— Quero só vêr o que dizem agora...

Viu, olá se viu!... Izé Biriba, estafeta do correio, cruzou com elles e, parando, de bocca aberta, exclamou:

— O que mais não se vê! Querem vender o animal e montam os dois de uma vez... Assim, meu velho, o que chega á cidade não é mais a mulinha: é a sombra da mulinha...

O velho concordou.

— Elle tem razão, meu filho, precisamos não judiar do animal. Apeio eu e vaes montado só tu, que és levezinho.

Assim se fez e caminharam em paz um kilometro, até encontrar um sujeito bem parecido que, tirando o chapéo saudou o pequeno, respeitosamente:

— Bom dia, principe!

— Porque, principe? indagou o menino.

— E' boa! Porque só principes andam assim, de lacaios á redea!...

— Lacaio, eu! esbravejou o velho. Que desaforo! Desce, desce, meu filho, e carreguemos o burro ás costas. Talvez isto contente o mundo...

Nem assim. Um grupo de rapazes, vendo a extranha cavalgada, acudiram em tumulto. E vaiaram:

— Hu! hu! Olha a trempe de tres burros, dois de dois, e um de quatro! Resta saber qual dos tres é mais burro!...

— Sou eu, replicou o velho, arriando a carga. Sou eu, porque venho ha uma hora fazendo, não o que quero, mas o que quer o mundo. Agora, porém, farei o que me manda a consciencia, pouco me importando que o mundo concorde ou não. Já vi que morre doido quem procura contentar a todos...

HYGIENE ESCOLAR

Inauguração do serviço de Hygiene Escolar no Grupo de Oliveira

Graças ao concurso dos srs. drs. Domingos Ribeiro e Ernani Agricola, inaugurou-se, no dia 26 de maio de 1926, o serviço de hygiene escolar no grupo "Francisco Fernandes", da cidade de Oliveira, dirigido ha 16 annos pelo professor Jacintho Pereira de Almeida.

Esse serviço é mantido pelo Posto de Hygiene Municipal, tendo como chefe o dr. Domingos Ribeiro.

Os resultados praticos já colhidos são animadores.

E' na idade escolar que o individuo deve adquirir habitos de hygiene. Torna-se muito mais difficil educar o adulto, sobretudo quando analphabeto.

Nestes primeiros mezes de experiencias, fizeram-se 395 exames physicos geraes em alumnos, dos quaes 303 com caries dentarias; mandaram-se 56 notificações aos paes.

Para estimular as creanças na pratica de preceitos de hygiene, organizaram-se dois pelotões de saude, empregando-se fichas confeccionadas pelo sr. dr. Ernani Agricola. Um delles compõe-se de 33 alumnos, e o outro de 63. Obteve-se melhor resultado no primeiro, o que demonstra que taes pelotões não devem exceder de 25 alumnos.

Para maior estimulo, foram premiados os menores que mais fielmente cumpriram os preceitos de hygiene.

Com recursos da verba do serviço e 500$000 de auxilio da Camara Municipal, installou-se um gabinete dentario no grupo, no qual quatro profissionaes prestaram serviços, gratuitamente, no anno passado, ficando agora um só, que é gratificado.

GRUPO ESCOLAR DE OLIVEIRA — UMA ALUMNA EM TRATAMENTO NO GABINETE DENTARIO.

O objecto principal da educação não é fazer machinas, porém pessoas.

P. JANET

O gabinete dentario preenche um duplo fim: educa e beneficia o alumno.

Fizeram-se, no anno passado, 486 tratamentos.

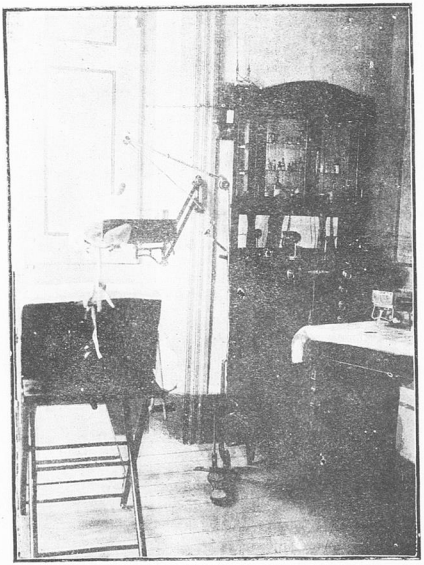
Resultados do pelotão de saude, no fim de tres mezes, observando-se as seguintes differenças no peso das crianças:

Augmentaram	3.500,0	grs.	1
"	3.000,0	"	2
"	2.500,0	"	2
"	2.000,0	"	5
"	1.500,0	"	5
"	1.000,0	"	6
"	500,0	"	5
Conservou o mesmo peso			1
Diminuiu 500,0 grs.			1
Deixaram de frequetar			5

O aspecto das crianças melhorou consideravelmente.

Tomando-se ao acaso um grupo de alumnos da mesma idade e que não fizeram parte dos pelotões, nota-se grande differença.

O serviço de hygiene escolar está, pois, beneficiando grandemente as crianças que frequentam o grupo escolar "Francisco Fernandes", da cidade de Oliveira



GRUPO ESCOLAR DE OLIVEIRA. GABINETE DENTARIO.

Todo homem recebe duas especies de educação: uma, que lhe é dada pelos outros, e outra, muito mais importante, que elle dá a si proprio.— GIBBON

Origem: